



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

**ROBSON CARNEIRO DA SILVA**

**A TERRITORIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI NOS ESPAÇOS  
PÚBLICOS DE MARABÁ: O CASO DA PRAÇA MONSENHOR BALTAZAR JORGE**

Marabá-PA  
2017

**ROBSON CARNEIRO DA SILVA**

**A TERRITORIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI NOS ESPAÇOS  
PÚBLICOS DE MARABÁ: O CASO DA PRAÇA MONSENHOR BALTAZAR JORGE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste Paraense como requisito à obtenção do título de licenciado e bacharel em Geografia.

Orientador(a): Profa. Ma. Gleice Kelly Gonçalves da Costa

Co-orientador Prof. Me. Hugo Rogério Hage Serra

Marabá-PA  
2017

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA**

---

Silva, Robson Carneiro da

A territorialidade da prostituição travesti nos espaços públicos de Marabá: o caso da Praça Monsenhor Baltazar Jorge / Robson Carneiro da Silva ; orientadora, Gleice Kelly Gonçalves da Costa, coorientador, Hugo Rogério Hage Serra. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia, Marabá, 2017.

1. Prostituição – Marabá (PA). 2. Travestis - Marabá (PA). 3. Prostitutos - Marabá (PA). 4. Territorialidade humana. 5. Espaços públicos. I. Costa, Gleice Kelly Gonçalves da, orient. II. Serra, Hugo Rogério Hage, coorient. III. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. IV. Título.

**ROBSON CARNEIRO DA SILVA**

**A TERRITORIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI NOS ESPAÇOS  
PÚBLICOS DE MARABÁ: O CASO DA PRAÇA MONSENHOR BALTAZAR JORGE**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Profa. Ma. Gleice Kelly Gonçalves da Costa (Orientadora – ICH/UNIFESSPA)

---

Prof. Me. Hugo Rogério Hage Serra (Co-Orientador ICH/UNIFESSPA)

---

Profa. Ma. Etiane Patrícia dos Reis Silva (PDTSA/UNIFESSPA)

À Deus, a minha mãe (Terezinha de Jesus), a minha avó (Benícia)  
E meus guias espirituais

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, meu guia por me permitir chegar até aqui, pelo livramento em minha vida. Nos momentos de angústia e dúvida soube me mostrar uma saída, e nesse processo muitas pessoas contribuíram de alguma forma para esse trabalho tomar corpo, sem as quais não teria conseguido.

Minha família pelo apoio incondicional nesse processo, especialmente minha mãe (Terezinha de Jesus) e a minha avó (Benícia), através de apoio, incentivo, amor, compreensão. Meu companheiro de vida Elessandro, uma pessoa maravilhosa que está sempre ao meu lado e com sua inestimável colaboração, compreensão e força contribuiu de forma definitiva para chegar até aqui.

Agradecimento especial ao Prof. Hugo, que no início dessa pesquisa foi o responsável por unir ideias soltas, pelas inestimáveis contribuições e correções, tornando-se um alicerce sólido. Um agradecimento mais que especial a minha orientadora a professora Gleice Kelly, por abraçar esse trabalho em andamento, pelos toques certos, pelo tempo, dedicação e apreço. Agradeço pela confiança e a liberdade em desenvolver esse trabalho.

Aos amigos e colegas da Geografia 2011 que estiveram presentes nesse caminho, em especial o grupo pavão: Ayandra, Leonice, Cislene, Suely e demais.

Aos professores do curso de Geografia, que contribuíram de alguma forma através da formação, incentivo, dicas, apoio.

A ONG Atitude LGBT de Marabá, através de seu presidente Bruno Gomes, que intermediou entrevista com Duda Lacerda de Belém, a ONG Consciência LGBT de Marabá, pela presidente Vanessa Camelo, e pelo então membro da casa da juventude Wander Macolly, que possibilitou uma rodada de conversas entre diferentes seguimentos da comunidade LGBT.

E, por fim, a todas as “Meninas” Trans que através de suas inestimáveis contribuições possibilitaram essa pesquisa acontecer: Nikole Kidman, Duda Lacerda, Sandy Grill (*in memoriam*), Bianca. Agradeço pelo aprendizado e por enxergar a vida, a cidade através de outros olhares.

## RESUMO

O trabalho consiste em estabelecer a relação entre espaço público e a prostituição, levando em consideração as diferentes estratégias de territorialização por grupos sociais presentes na Praça Msr. Baltazar Jorge, localizada no núcleo Nova Marabá - Marabá-Pa. O objetivo da pesquisa consiste em uma análise da territorialidade da prostituição travesti, um tema que vem ganhando cada vez mais espaço no debate acadêmico e na Geografia, principalmente após a década de 1990. O enfoque do trabalho é a prostituição que ocorre principalmente em espaços públicos: praças, ruas e calçadas. Esses espaços são apropriados por diversos grupos sociais de acordo com seus interesses e usos, seja para o lazer, práticas esportivas, venda de drogas ou a prostituição, o que resulta em uma superposição de territorialidades com limites nem sempre bem definidos, gerando conflitos. Como metodologia para a realização do trabalho procedeu-se a levantamento bibliográfico em obras sobre o tema; pesquisa de campo para levantamento e coleta de dados; entrevistas semiestruturadas com as travestis, com representantes de ONG's que atuam em defesa da comunidade LGBT em Marabá-Pa e moradores próximos à praça; bem como a elaboração de mapas temáticos. Através destes procedimentos, foi possível identificar que existe uma estreita relação entre os espaços públicos (praça) e a prostituição, uma vez que é um lugar de "visibilidade", possibilitando a intermediação entre as travestis que oferecem seus serviços (favores sexuais) e o "cliente". Além disso, foi possível mapear outras espacialidades de prostituição travesti em Marabá-Pa, ao todo (04) quatro pontos, cada um possui dinâmicas próprias em relação à apropriação espacial, manutenção e controle pelos seus respectivos grupos.

Palavras-Chave: Prostituição, Travesti, Territorialidade, Gênero-Identidade.

## ABSTRACT

The work consists of establishing the relationship between public space and prostitution, taking into account the different strategies of territorialization by social groups present in Mr. Baltazar Jorge Square, located in the Nova Marabá district - Marabá-Pa. The objective of the research is to analyze the territoriality of transvestite prostitution, a theme that has been gaining more space in academic debate and geography, especially since the 1990s. The focus of this work is prostitution, which occurs mainly in public spaces : Squares, streets and sidewalks. These spaces are appropriated by different social groups according to their interests and uses, whether for leisure, sports, drug sales or prostitution, which results in a superposition of territorialities with limits that are not always well defined, generating conflicts. As a methodology for carrying out the work, a bibliographical survey was carried out on works on the subject; Field research for survey and data collection; Semi-structured interviews with transvestites, with representatives of NGOs working in defense of the LGBT community in Marabá-Pa and residents near the square; As well as the development of thematic maps. Through these procedures, it was possible to identify that there is a close relationship between the public spaces (squares) and prostitution, since it is a place of "visibility", allowing the intermediation between the transvestites who offer their services (sexual favors) and the "client". In addition, it was possible to map other spaces of transvestite prostitution in Marabá-Pa, in the whole (04) four points, each one has its own dynamics in relation to spatial appropriation, maintenance and control by their respective groups.

Keywords: Prostitution, Transvestite, Territoriality, Gender-Identity.



## **Lista de Tabelas**

Tabela 01: Distribuição de Pontos por unidade da Federação.....	22
Tabela 02: Mobilidade x Interesse.....	58
Tabela 03: Preços praticados pelas Travestis.....	61

## **Lista de Quadros**

Quadro 01: Síntese processos econômicos x prostituição.....	18
Quadro 02: Excertos das entrevistas e abordagens.....	51
Quadro 03: Espacialidades da prostituição Travesti em Marabá(PA).....	58
Quadro 04: Estabelecimentos comerciais ligados direta ou indiretamente à prostituição...	62

## **Lista de Mapas**

Mapa 01: Espacialização de territorialidades. Distribuição dos pontos de prostituição.....	40
Mapa 02: Espacialização da prostituição travesti em marabá (PA).....	60
Mapa 03: Espacialização de Estabelecimentos ligados direta e indiretamente à prostituição.....	63

## **Lista de Fotos**

Foto 01: Vista parcial da Praça Monsenhor Baltazar Jorge.....	16
Foto 02: Localização da Praça Monsenhor Baltazar Jorge.....	17
Foto 03: Vista parcial Espaço Grill.....	25
Foto 04: Vista da fachada New Girus Club.....	25
Foto 05: Ponto de mediação de prostituição.....	38
Foto 06: Reportagem de Jornal. Abordagem policial .....	41
Foto 07: Reportagem de Jornal. “Homem cai morto dentro de loja de conveniência.....	41
Foto 08: Prática slackline.....	43
Foto 09: Ponto Skatistas.....	43
Foto 10: Ameaças.....	53
Foto 11: Vítima de tentativa de assassinato.....	54
Foto 12: Reunião com representantes da Comunidade LGBT.....	55

## **Lista de Siglas**

**AIDS** - Acquired Immunodeficiency Syndrome

**ALPA** - Aços Laminados do Pará

**CCBM** - Consórcio Construtor Belo Monte

**DMTU** - Departamento Municipal de Transportes Urbanos

**DST** - Doenças sexualmente transmissíveis

**HMM** - Hospital municipal de Marabá

**IBAMA** - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

**IFPA** - Instituto Federal do Pará

**LGBTT** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

**MTE** - Ministério do Trabalho e Emprego

**OIT** - Organização Internacional do Trabalho

**ONG** - Organização Não Governamental

**PGC** - Projeto Grande Carajás

**PNUMA** - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

**PRF** - Polícia Rodoviária Federal

**SMTUR** - Secretaria Municipal de Turismo

**UOL** - Universo On-line

**CBO** - Classificação Brasileira de Ocupações

**ABGLT** - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

**UNAIDS** - Programa das Nações Unidas sobre HIV/Aids

**ANTRA** - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

**CAJUM** - Casa da Juventude de Marabá

**CTA** – Centro de Testagem e Aconselhamento

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1) Prostituição, Gênero e identidade.....	15
1.1) Espacialização: Praça Monsenhor Baltazar Jorge.....	15
1.2) Procedimentos metodológicos .....	26
1.3) Prostituição, gênero e identidade: uma aproximação.....	29
2) Prostituição: território e territorialidade .....	34
2.1) Perspectiva geográfica sobre a Prostituição.....	34
2.2) Prostituição nos espaços públicos.....	46
2.3) Apontamentos da pesquisa.....	48
2.4) Espaços das prostituição em Marabá .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	65
APÊNDICES.....	75
ANEXO I .....	78

## INTRODUÇÃO

O fenômeno da prostituição na contemporaneidade é motivo de inúmeros debates, principalmente na questão que envolve a exploração e o tráfico de pessoas (adulta e infantil) e a regulamentação da profissão que garanta o acesso aos direitos a este seguimento profissional garantindo assim sua cidadania. Este debate ocorre em diversos segmentos da sociedade.

No Brasil e no mundo estima-se que entre 40 e 42 milhões de pessoas se prostituem (FERNANDES, 2012, não paginado). Ainda de acordo com relatório divulgado em 2014 com dados relativos ao ano 2012, a Organização Internacional do Trabalho – OIT estima que a exploração sexual movimente cerca de 330 bilhões de reais ao ano no Brasil e no mundo. As causas que levam um indivíduo a essa prática são as mais variadas possíveis, que vão desde aspectos culturais e socioeconômicos até desigualdade de gênero.

A temática relacionada à prática da prostituição pode ser abordada em diferentes perspectivas, a saber: social, econômica, gênero, política, étnico-cultural, geográfica entre outras. Neste trabalho será dado enfoque a partir do olhar geográfico, para tanto se faz necessário alguns questionamentos em relação ao objeto de estudo que irá direcionar a pesquisa: qual a relação existente entre o espaço público (praça) Baltazar Jorge e a prática da prostituição? Quem são os grupos que utilizam o espaço público para prática da prostituição e quais as suas estratégias de territorialização?

Para uma análise mais apurada dos processos de apropriação do espaço público eleito, Praça Baltazar Jorge em Marabá (PA), bem como responder aos questionamentos, o trabalho está estruturado de acordo com os objetivos: sendo o geral analisar a territorialidade da prostituição travesti nos espaços públicos de Marabá, especificamente na Praça Baltazar Jorge, localizada no núcleo Nova Marabá - Marabá-Pa, e tendo como objetivos específicos: 01- Identificar a relação entre espaço público e a prostituição: 02- Identificar e analisar as diferentes estratégias de territorialização dos diferentes grupos que se utilizam dos espaços públicos na manutenção de seus territórios.

O trabalho se justifica pela necessidade de compreender as dinâmicas envolvidas na construção de territorialidades relacionadas à prática da prostituição nos espaços públicos de Marabá (PA), com enfoque no grupo das travestis e conseqüentemente identificar as diferentes estratégias de territorialização deste grupo que sofrem uma dupla exclusão, a primeira relacionada à dimensão social em relação ao gênero (preconceito) que tem em seus

corpos a marca da subversão devido ao rompimento da fronteira instituída por padrões normatizados de gênero e sexualidade (LIMA, 2009); a segunda pela “escolha” da prostituição enquanto profissão marginalizada por uma parcela da sociedade. Outra consideração é em relação à escolha do tema investigado, visto que sua discussão é relativamente nova na ciência geográfica.

Para elaboração deste trabalho algumas hipóteses foram levantadas, a primeira refere-se à relação existente entre os espaços públicos e a produção de múltiplas territorialidades específicas por diferentes grupos presentes no recorte espacial em questão com destaque para as Travestis, bem como para os demais grupos existentes: Traficantes, *skatistas*, *skaline* que dependendo do horário e interesse de cada um apropriam-se de uma porção do espaço. Neste sentido, a territorialidade pode assumir um caráter cíclico e móvel (flutuante) de acordo com os usos (SOUZA, 1995). A segunda refere-se às diferentes estratégias adotadas por estes grupos na manutenção, delimitação e controle do território, em que, no caso das travestis, a própria sexualidade torna-se um fator ativo na manutenção de uma porção do território, bem como a linguagem verbal e corpórea (gestos), que transmitem códigos de comportamentos que são reconhecidos pelos seus pares (RIBEIRO, 1997). Esses códigos/símbolos, comportamentos traduzem um indivíduo bem como a sua identidade ligada a um determinado grupo e que por sua vez a diferencia de outros grupos (CLAVAL, 1999).

Diante do exposto, o trabalho está dividido em dois capítulos de acordo com os objetivos específicos, sendo a primeira parte um levantamento bibliográfico referente à temática abordada e a apresentação do recorte espacial (área de estudo). Há uma opção em se trabalhar com a territorialidade das Travestis, por isso se faz necessário levantar questões relativas à identidade de gênero com o enfoque a partir da visão da comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – L.G.B.T.T. E num segundo momento, busca-se identificar a relação entre espaço público e a prostituição na produção de múltiplas territorialidades, neste momento será analisada as diferentes estratégias de territorialização do grupo das travestis na manutenção e controle de seus espaços. Para tanto será trabalhado conceitos de territorialidades e territorialização e as categorias de análises: espaço público e território.

E no segundo capítulo perceber e analisar o papel que o espaço público eleito (Praça Msr. Baltazar Jorge em Marabá – PA) desempenha na prática da prostituição, principalmente a travesti, bem como apresentar os resultados da pesquisa.

É preciso salientar que existe uma diferença entre prostituição enquanto profissão<sup>1</sup> e exploração sexual. A primeira ocorre por “livre escolha”, em que há troca de favores sexuais por uma quantia em dinheiro ou outras formas de pagamento, já a segunda envolve um terceiro: indivíduo ou organização que explora sexualmente uma pessoa ou um grupo em benefício próprio, neste caso sem que haja uma livre escolha (LEAL, 1999).

Em decorrência das múltiplas possibilidades em se trabalhar com o tema relacionado à prostituição é necessário recortes de acordo com o enfoque da pesquisa e o interesse do pesquisador. Na perspectiva geográfica, essa discussão é recente e ocorre principalmente a partir da década de 1990. Esse fenômeno vem despertando interesse dentro das análises espaciais (ORNAT, 2009) e tem conseguido ampliar novas discussões importantes, e que, de certa forma se referem principalmente às novas perspectivas de território e as múltiplas territorialidades a partir da identidade de gênero (CLAVAL, 1999).

Apesar de ter uma relação estreita com o espaço, a prostituição é pouco discutida no meio geográfico sendo mais abordada nas áreas da sociologia, antropologia, história ou da psicologia (ALCÂNTARA, 2009). Existe uma relação territorial que os profissionais do sexo possuem com os seus espaços, principalmente a prostituição de rua que lhes confere uma identidade territorial, e mesmo diante desta constatação há uma aparente falta de interesse da geografia em relação ao tema de acordo com Silva (2009, p. 3).

As razões para essa negligência por parte de geógrafos (as) têm muitas razões, desde os elementos epistemológicos que constituem o corpo conceitual da geografia brasileira, até mesmo, o preconceito em torno da abordagem das sexualidades, dentro do campo científico.

Essa aparente falta de interesse por parte da geografia pode estar relacionada à cultura em que está inserida, ou seja, o preconceito (pudor) em relação ao tema. Esse cenário tem mudado principalmente com as contribuições de duas correntes dentro da própria geografia: Feminista<sup>2</sup> e *Queer*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> No Brasil ainda não existe regulamentação específica, existe um projeto de lei denominado Gabriela Leite, proposta pelo então Deputado Federal Jean Willians.

<sup>2</sup> A Geografia Feminista nasce no contexto da segunda onda do movimento feminista. Iniciado na década 1970, todavia, torna-se conhecido principalmente na década 1990. Como dissertado por Narvaz e Koller (1996), este pode ser periodizado a partir de três ondas: a primeira onda representa o surgimento do movimento feminista, entre o final do séc. XIX e início do XX, nascendo como um movimento de luta das mulheres por igualdades de direitos civis; a segunda onda ressurgiu nas décadas de 1960/70, em especial nos Estados Unidos e na França. E enquanto as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade (feminismo de igualdade), as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada (feminismo de diferença); a terceira onda, forjada nos anos 1980, introduz o paradigma da

## 1) Prostituição, Gênero e identidade

### 1.1) Especialização: Praça Monsenhor Baltazar Jorge

A pesquisa tem como recorte espacial a Praça Monsenhor Baltazar Jorge (conhecida como praça da rotatória) que está situada em uma área central entre as vias folhas<sup>4</sup> 16, 21, 17 e 20 respectivamente no Núcleo Nova Marabá, Marabá PA. Anteriormente conhecida pelos locais como Praça da Telepará, sua localização torna-se privilegiada em relação ao acesso aos equipamentos e serviços urbanos e ao comércio em geral próximos, como: Hospital municipal de Marabá - HMM, Departamento de Trânsito e Transportes Urbanos - DMTU, Telefonia OI (antiga Telemar), Ginásio Poliesportivo Renato Veloso, as escolas municipais João Anastácio de Queiros e Jonatas Pontes Athias, a escola Estadual Dr. Gaspar Viana, o Instituto Federal do Pará - IFPA, dois supermercados, três academias de ginástica, uma casa lotérica, dois postos de combustíveis, diversos estabelecimentos comerciais nas áreas de construção, decoração, revenda de peças para motocicletas, material de informática, depósito de bebidas além de bares, restaurantes, danceterias. Esses equipamentos e serviços promovem um grande fluxo de pessoas que os acessam no período diurno (horário comercial) e noturno e que de alguma forma interagem com a praça seja através do carro, moto ou a pé.

Os usos da praça vão se alternando no período noturno em que a maioria dos estabelecimentos comerciais fecham as portas e dão lugar a novas dinâmicas espaciais. Entra em cena bares, restaurantes, pedestres que utilizam a praça e a calçada para prática de corrida *cooper* (diariamente) disputando lugar com *skatistas*, *Slackline* ou *skaline*<sup>5</sup>. Após a meia noite entra em cena as danceterias (principalmente aos finais de semana) e neste cenário outras territorialidades se apresentam, as Travestis, que acessam a praça com o intuito de obter clientes para a prática da prostituição.

---

incerteza no campo do conhecimento, tendo por influência as proposições feitas por Michel Foucault e Jacques Derrida (ORNAT, 2008, p. 6).

<sup>3</sup> Geografia “queer” estranho, diferente, pensamento acadêmico desenvolvido através da luta pela liberdade sexual, questionamento de hierarquias sexuais, ênfase ao caráter indefinido, confuso, de identidades fluidas e que se articulam de inúmeras formas, rejeitando uma “lógica minoritária de tolerância” (RUTH, 1996, p. 170 *apud* OLIVEIRA, 2014).

<sup>4</sup> São denominadas “Folhas” as áreas do núcleo da Nova Marabá criadas no Plano Diretor Urbano de Marabá – PduM, em 1971.

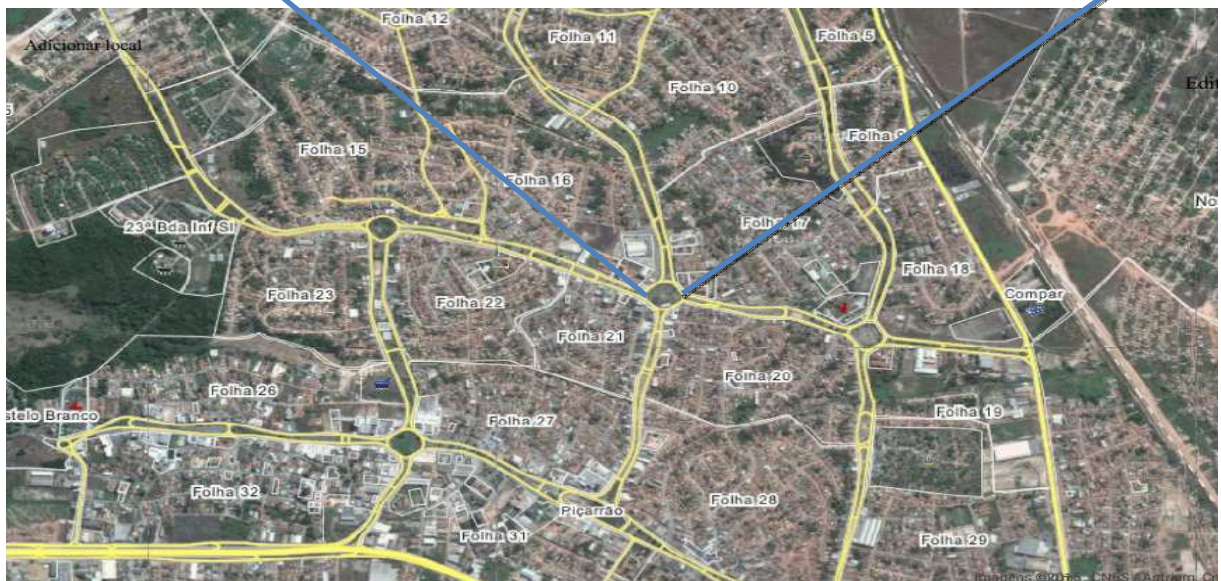
<sup>5</sup> É um esporte de equilíbrio sobre uma fita de nylon, os praticantes se equilibram em uma fita elástica, esticada entre dois pontos, que podem ser árvores, por exemplo. Teve início na década 1980 em campos de escalada do Vale de Yosemite, EUA. Os equipamentos usados são a fita, a catraca usada para prender a fita, o protetor e o backup, que é uma corta de segurança que evita que a catraca se solte caso a fita arrebente (GIBBON SLACKLINES BRASIL, 2011).



**FOTO 01 - VISTA PARCIAL DA PRAÇA MONSENHOR BALTAZAR JORGE:** Neste horário existe pouco trânsito de veículos e alguns pedestres já transitam pela praça, esta foi concebida em estilo Jardim “arbórea”.  
(Fonte: Silva, R. C. Tirada em Junho de 2016).

A referida praça é uma homenagem ao pároco Monsenhor Baltazar Jorge e para a população do entorno é conhecida como praça da rotatória. Baltazar Jorge fora um pároco que atuou na igreja São Felix de Valois por mais de quatro décadas, sua chegada em Marabá ocorrera na década de 1950 e seu falecimento no ano de 2000, esta foi inaugurada sob a gestão do então prefeito Sebastião Miranda Filho, 2002 a 2004. Este espaço, palco de diversos conflitos: prostituição, vendas de drogas, assassinatos, ou seja, uma sobreposição de territorialidades. Observa-se na imagem abaixo, a localização da referida praça ocupa um ponto estratégico que liga diversas folhas e demais áreas da cidade o que lhe confere um grande fluxo de veículos e pessoas.





**FOTO 02: LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA MONSENHOR BALTAZAR JORGE:** A praça ocupa uma área central na nova marabá, pois conecta diversas folhas “ruas” e demais áreas da cidade.  
(Fonte: Recorte do Núcleo Nova Marabá, Geodados wikimapia/google, agosto de 2014).

A prostituição faz parte da realidade dos municípios brasileiros e no mundo como um todo e em Marabá (PA) não é diferente, alguns espaços públicos tornam-se territórios que ‘favorecem’ a prática da prostituição. Neste sentido, os espaços (praças) que são concebidos pelo poder público como estrutura paisagística, contemplativa que favorece a prática de lazer, esportes, recreação, interação social, bem como uma estrutura que integra e ordena o trânsito conferindo-lhe uma funcionalidade, passam a ser percebidos e vividos por alguns grupos

sociais por outra ótica de uso que privilegia a prostituição através de uma apropriação espacial diferenciada em um conjunto de relações e expressões singulares (COSTA, 2010).

Quando falamos em prostituição é algo complexo, visto que é um fenômeno mundial, que não está associada apenas à pobreza e miséria. Esta ocorre em diversas classes sociais e como foi dito no início do capítulo também está ligada a questões culturais, nesse último prevalecem as relações desiguais de gênero. Outro fator a ser considerado é a dimensão geográfica. No Brasil, um país de dimensões continentais, cada região possui dinâmicas próprias (estruturas econômica, social, cultural, demográfica) que acabam influenciando direta ou indiretamente na prática da prostituição.

Neste sentido, pensar a prostituição na Amazônia exige compreender as dinâmicas próprias da região, seja pelas expressões socioeconômicas ou pelas intervenções do Estado, principalmente a partir da década de 1960, impostas pelos modelos exploratórios desenvolvimentistas pensados para a região principalmente por agentes externos a nível nacional e internacional, modificando o padrão de ocupação territorial (TEDESCO, 2015).

No processo histórico de formação do município de Marabá (PA) a prática da prostituição fora uma constante, influenciada direta ou indiretamente pelas expressões socioeconômicas. No período de 1892-1920 houve a exploração da borracha e com o fim da 1ª Guerra Mundial e o esgotamento de matéria prima tem início entre 1920-1970 a exploração da castanha do Pará. Ainda nesse período, entre 1920-1940, houve a extração de diamantes às margens do Rio Tocantins. No período de 1970-1980 houve a exploração pecuária e madeireira, em 1980 tem início a extração de ouro em Serra Pelada e no período de 1980-2005 a atividade industrial (PNUMA, 2010; SMTUR, 2010; SOUZA, 2015). Cada um destes ciclos de atividade econômica provocou mudanças e intervenções sócio-econômico-territoriais e como podemos observar no quadro a seguir existe uma estreita relação entre as estruturas econômicas e a prática da prostituição na região sudeste paraense.

QUADRO 01 – SÍNTESE PROCESSOS ECONÔMICOS X PROSTITUIÇÃO

Período	Características (marcos)	Prostituição (síntese)
1892-1920	Exploração Látex – Borracha (Fornecimento de matéria prima	-Casas de Prostituição feitas de madeira e palha de babaçu (Mulheres trazidas de fora e filhas

	durante a 1ª Guerra Mundial) e diamante.	de seringueiros); -Prostituta como “moeda de troca” <sup>6</sup>
1920-1970	Exploração da Castanha do Pará	-Prostituta como elemento fixador do trabalhador nos castanhais; -Exploração sexual de índias, principalmente por Motoristas de Caminhão <sup>7</sup> .
1970-1980	Exploração: pecuária, madeireira e Ouro em serra Pelada.	-Prostituta a peso de “ouro”, entretanto, era proibida a entrada de mulheres no Garimpo (prostibulo = Currutela ou Piseiro <sup>8</sup> ), o que facilitou a prostituição masculina travesti.
1980-2005	Exploração: Minério de Ferro, obras de infraestrutura (Rodovias, Hidroelétrica de Tucuruí).	-Prostituição passa a ser considerada um problema social; -Decadência da atividade; -Exploração sexual de crianças e adolescentes principalmente nas rodovias e canteiros de obras.
2005-2010	Especulação: (Alpa <sup>9</sup> , UHE Belo Monte <sup>10</sup> ),	-Prostituição: Canteiros de obras e aumento dos índices de prostituição no entorno desses projetos.
	Projetos: Hidrovia Araguaia-Tocantins <sup>11</sup> , UHE Marabá <sup>12</sup> , Cevital – Aços do Pará <sup>13</sup>	Com a crise econômica na região ocorre uma reorganização na prostituição, em que os indivíduos

<sup>6</sup> A utilização da prostituição como instrumento de dominação do patrão é antiga em Marabá. Há relatos de que entre os anos 1900-1950 as “prostitutas” eram bastante requisitadas como elemento fixador do castanheiro na região (MONTARROYOS, 2015)

<sup>7</sup> Índios. Acervo digital Veja. Ano 08, n. 380, p. 2817 de Dez. 1975

<sup>8</sup> Lugar aonde os Garimpeiros vão à busca de prostitutas, em sua maioria casas de palha.

<sup>9</sup> Em 2008 é anunciada a construção em Marabá de uma grande siderúrgica, através da empresa VALE que, entre outras coisas, levaria à produção de 2,5 toneladas de aço por ano, agregando valor à produção mineral de Marabá e região, já que esta entraria de vez na verticalização da cadeia do aço, o que abriria oportunidades para a criação de um polo metalomecânico na cidade. Havia também a promessa da geração de mais de 16 mil empregos diretos na fase de implantação do empreendimento, além de outros 3 mil durante a fase de operação, o projeto fora paralisado em 2012 (SOUZA, 2015, p. 3)

<sup>10</sup> O projeto fora idealizado na década 1970-1980, sua construção efetiva teve início em julho/2011, sua execução ocorre em três grandes canteiros: Belo Monte, Bela Vista e Pimental no médio Xingu, próximo à cidade de Altamira-PA, custo da obra R\$ 25 bilhões, geração de energia 11.233 megawatts (MW) (CCBM, 2016).

<sup>11</sup> O projeto idealizado em 1960, retomado em 1980, com o objetivo de implementar a navegação comercial na bacia do Tocantins-Araguaia, esse, faz parte de um projeto maior de infraestrutura que compreende etapas já concluídas como hidroelétrica de Tucuruí (construção de eclusas) e outras ainda em processo de licenciamento

2010 – 2016		deslocam-se para outras cidades ou estados, numa rede descontínua de prostituição.
-------------	--	--

Fonte: Tedesco (2015); Cabral e Montarroyos (2015), Veja (1975).

Org: SILVA, R. C (2016).

De acordo com o quadro é possível perceber que existe direta ou indiretamente uma relação entre os processos-estruturas-econômicas e a prática da prostituição, que dependendo do contexto acaba adequando-se às “necessidades” da realidade local, como observado por Montarroyos (2015) que destaca as relações sociais entre castanheiros, patrões e prostitutas no sistema denominado de “capitalismo selvagem” no período que compreende 1900 e 1950.

Marabá funcionava como entreposto comercial, condição reforçada com as atividades extrativistas da castanha do Pará que ocorriam no período do inverno e a extração do caucho que ocorria no verão, até 1920, bem como a extração do diamante (1940-1950) que promoviam uma dispersão da população local e a cidade tornava-se ‘vazia’. Essa mobilidade populacional estava condicionada pelos meios de produção na época, ou seja, uma população considerada nômade, todavia, esse cenário era bem diferente no inverno, período de coleta da castanha aonde os trabalhadores buscavam a cidade, por diversão, ou seja, prostitutas e bebidas (CABRAL; MONTARROYOS, 2015).

As casas de prostituição foram importantes na economia local neste período por dois motivos, o primeiro devido à prostituta atuar como um elemento fixador do castanheiro dentro da floresta, uma vez que o trabalhador sempre ficava em débito com o barracão, e a segunda em relação às atividades econômicas atreladas a este serviço que começaram a desenvolver-se como clubes de dança, botequins, mercearias, casas de jogos e barracas de ambulantes que funcionavam até o dia seguinte, servindo caldos, buchadas, paneladas, quitutes, tapiocas e café da manhã aos festeiros ainda bêbados ou com ressaca das bebidas conferindo às casas de prostituição um espaço de sociabilidade (ALMEIDA, 2008).

---

como derrocamento do pedral do Lourenço e UHE Marabá, criando corredor navegável Centro-Norte BRASIL (2013).

<sup>12</sup> Hidroelétrica de Marabá situada na Bacia Araguaia-Tocantins, pensada na década 1976, estudo de viabilidade técnica assinado em agosto 2005. Início do processo licitatório, consórcio entre ELETRONORTE/CAMARGO CORREIA, estados atingidos pela barragem MA, PA, TO. Previsão de famílias atingidas 10 mil, incluindo terras indígenas, assentamentos rurais, áreas urbanas. (ELETRONORTE, 2005).

<sup>13</sup> Parceria entre VALE, CEVITAL GROUP E GOVERNO DO PARÁ, implantação da Siderúrgica em Marabá no antigo canteiro de Obras do Projeto ALPA, estima-se que o total de investimentos chegue a US\$ 2 bilhões de dólares, e gere 2.500 dois mil e quinhentos empregos diretos e 8.000 oito mil empregos indiretos (MARABÁ, 2016).

A partir de 1950-1960 com uma maior presença da igreja católica e o monopólio da produção da castanha, a prostituição foi perdendo espaço no cotidiano da cidade aliado às ações promovidas por diversos agentes públicos e privados, principalmente do Governo Federal. Essas ações provocaram uma reordenação espaço-territorial em Marabá (PA) e região o que acabou afetando a atividade da prostituição que teve de se adequar à nova realidade principalmente após 1964 com intervenções do Estado na região. Essas intervenções tiveram como discurso/objetivo a integração do Norte-Nordeste, Norte-Sul e demais regiões do País e atrair fluxo populacional através da ‘colonização’. Para tanto, promoveram a criação de grandes projetos de infraestrutura e o fomento de atividades econômicas baseadas em moldes espoliativos/exploratórios, o que acabou atraindo um grande fluxo de capital bem como uma intensa migração de trabalhadores para a região e dentre as diversas consequências destaca-se a **ambiental**: através da exploração de minério, Projeto Grande Carajás - PGC, Construção de Rodovias, Hidroelétricas, provocando desmatamento, poluição; no aspecto **econômico-social**: concentração de renda, conflitos no campo, especulação imobiliária, intensificação da prática da prostituição (migrantes e índios), principalmente nos canteiros de obras e nas rodovias que cortam a região. E estas rodovias que garantem a circulação de bens, mercadorias e pessoas também contribuem para a prática de prostituição.

Com o aumento no fluxo populacional e as constantes cheias dos rios Tocantins e Itacaiúnas, que atingem principalmente o Núcleo Velha Marabá, provocando deslocamento dessa população para outras áreas da cidade onde o poder público disponibiliza barracas de lona para abrigar essa população. Esses locais não possuem estrutura mínima de água e esgoto, é nessas condições precárias que a população aguarda até que possam retornar às suas casas. Diante dessa periodicidade das cheias, o Governo Federal inicia um plano de criação de novos bairros, entre eles a Nova Marabá entre 1972-1980. Parte da população migra para essas novas áreas juntamente com a prática da prostituição que antes se concentrava no bairro cabelo seco/canela fina<sup>14</sup> no Núcleo Pioneiro (ALMEIDA, 2008).

Já na década 1980, com a consolidação da ocupação de novas áreas em Marabá, expandem-se também os problemas da cidade como violência, consumo de drogas e prostituição, período que compreende o auge da exploração de Serra Pelada (1980-1984), em que prostíbulo era conhecido como currutela. Entretanto, era proibido a entrada no garimpo de bebida alcoólica e de mulheres, o que favoreceu a prostituição masculina ou Travesti (TEDESCO, 2015, p. 193-194). Já nesse período, com a disseminação das DST/AIDS, a

---

<sup>14</sup> Bairro Francisco Coelho, Almeida (2008).

prática da prostituição passou a ser vista como um problema social a ser combatido (ALMEIDA, 2008). Nesse momento as rodovias são elementos facilitadores da migração para a região, principalmente a Rodovia Transamazônica (1972), a PA-150 e a Belém-Brasília. Marabá teve um crescimento populacional acelerado, provocando inchamento na área urbana. Entre 1980 e 1985 a taxa de crescimento ficou em 16,4% (ALMEIDA, 2008, p. 189).

As consequências dessa migração intensa aliada à falta de planejamento em infraestrutura provocaram aumento da violência, consumo drogas e a prostituição, principalmente nas rodovias que cortam a região. É o que constata os dados recentes divulgados pela Polícia Rodoviária Federal em parceria com a ONG *Childhood* Brasil através do programa “na Mão Certa” nos relatórios relativos a 2009-2010 e 2011-2012 divulgados em 2013. Na região norte existiam 333 pontos de exploração sexual principalmente de menores, e deste total só no Pará foram identificados 69 no período 2009-2010 e em 2011-2012 subiu para 208 pontos, ou seja, uma variação de 201,45% (CHILDHOOD BRASIL, 2012). Conforme tabela 01.

**Tabela 01** – Distribuição dos pontos por unidade da Federação: Região Norte

MAPEAMENTO 2011-2012						TOTAL 2009-2010	Variação (%) 2009-2010 2011-2012
UF	Crítico	Alto Risco	Médio Risco	Baixo Risco	TOTAL DE PONTOS		
PA	87	37	20	64	208	69	201,45%
AM	5	5	5	5	20	4	400,00%
AP	2	0	2	1	5	6	- 16,67%
TO	22	10	7	6	45	52	-13,46%
RO/AC	8	8	11	3	30	68	-55,88%
RR	10	10	4	1	25	25	0,00%
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>	<b>70</b>	<b>49</b>	<b>80</b>	<b>333</b>	<b>224</b>	

**Fonte:** Adaptado de Polícia Rodoviária Federal; ONG Childhood Brasil (programa na mão certa).

Estes pontos concentram-se principalmente em estabelecimentos próximos das rodovias. Para uma análise mais detalhada da tabela é necessário compreender o contexto onde os dados foram coletados, uma vez que os números demonstram apenas uma parte da realidade, ou seja, é necessário compreender o que tem por trás destes dados.

Uma possível justificativa para aumento destes pontos de prostituição pode ter relação principalmente com o projeto de construção da Aços Laminados do Pará - ALPA em julho de 2008, e início da construção em 2010, através de acordos entre a iniciativa privada (Vale) e o

setor público, Governo Federal e Estadual. Todavia, por questões econômicas e problemas de execução em obras de infraestrutura por parte do Governo Federal, a Vale interrompe a construção em 2012 e paralisa o projeto (SOUZA, 2015). Já na região Sudoeste neste mesmo período, em Fevereiro de 2010, é concedida a Licença Prévia pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) ao consórcio construtor da usina UHE BELO MONTE (NORTE ENERGIA, 2012). Conforme Quadro 01 – Síntese processos econômicos x prostituição.

Estes projetos geram expectativas de empregos e de riquezas, o que acaba atraindo um grande fluxo migratório para o Estado. Entretanto, a baixa qualificação, aliado a falta de planejamento do poder público acaba excluindo grande parte dessa população que não é absorvida pelo mercado de trabalho o que provoca um contingente populacional e em alguns casos, pela falta de opção, acaba levando à prática da prostituição.

Nos dados mais recentes relativos a 2013-2014 divulgados em 2015 pela PRF com a ONG *Childhood* Brasil foi adicionado a diferenciação por gênero do universo total de pontos de prostituição nas Rodovias Federais e Estaduais mapeadas no Brasil. Do total de pontos denunciados, 1.969, houve confirmação em 1.121 sobre a prática de prostituição e dentre esses pontos confirmados, em 448 foi possível identificar o gênero, sendo: Feminino 69%, os transgêneros 22% e Masculino apenas 9%. Houve uma considerável diminuição em relação aos pontos de prostituição na região Norte que em 2011-2012 registrou 333. Em 2013-2014 esse número reduziu para 160. Analisando os dados relativos ao Pará em 2011-2012, foram 208 pontos e no relatório 2013-2014 esse número reduziu para 84, ou seja, uma variação -59,62%. Essa redução é atribuída em parte à fiscalização de Órgãos como a PRF e ONG's, entre elas a *Childhood* Brasil. Outro fator que pode explicar esta redução está atrelado à diminuição da atividade econômica. Em Marabá essa diminuição no ritmo econômico se deu em parte pelo fechamento das siderúrgicas situadas no distrito industrial bem como a não conclusão de obras como ALPA.

Nesse sentido, compreender as dinâmicas espaciais que envolvem a prática da prostituição na região é de suma importância bem como a realidade cotidiana dos sujeitos envolvidos na medida em que contemple múltiplos enfoques para além da dimensão territorial, as lutas, contradições, preconceitos, marginalização promovidas por uma sociedade da qual estes indivíduos fazem parte. Entretanto, essa sociedade visualiza a prostituição como apenas mais um elemento inerente à paisagem urbana contemporânea, e nesse sentido cabe

uma reflexão, existe uma escolha ou uma imposição pela condição gênero-econômico-social aos quais estes grupos estão expostos?

Qual a melhor forma de compreender a realidade dos sujeitos envolvidos na prática da prostituição? Através de pesquisa empírica bem como o diálogo com os mesmos. Neste sentido, a entrevista é de extrema relevância para compreender essa realidade a partir do ponto de vista dos entrevistados. Alguns fatores contribuíram para a adoção da praça como um ponto de prostituição, entre eles a localização, que permite acesso a diversos equipamentos e serviços públicos e privados.

Eu e a Sandy Grill<sup>15</sup> fomos as primeiras a fazer ponto na praça, eu comecei por esporte, colocava um vestidinho e uma peruca e ia pras festas, e eu observei que os homens me olhavam de um jeito diferente, alguns me chamavam para fazer programa é foi que eu comecei. Mas ela, já fazia ponto [...] a gente ia para espaço Grill e depois descia pra praça, nos dias de festa o movimento é maior (Entrevista Realizada com Nikole<sup>16</sup> em 01.09.2015).

Na entrevista acima um elemento merece destaque, o estabelecimento denominado Bar espaço grill, tendo como proprietário<sup>17</sup> um ex-garimpeiro que veio para Marabá na década 1980 explorar ouro em Serra Pelada, e, em decorrência do fechamento do garimpo, sua opção foi montar um estabelecimento que num primeiro momento possuía uma estrutura de espaço aberto, estilo boteco de beira de estrada até 2004.

Após este período, espaço passa por reformas para atender um novo público com a nova razão social, Restaurante e churrascaria espaço grill, em estilo de pizzaria e churrascaria voltado para um público “familiar”. Ainda de acordo com o proprietário, este estabelecimento, após o ano de 2007, torna-se um bar estilo danceteria com shows semanais atendendo outro tipo de público ‘adulto’ e após nova reforma passa a ser denominado Bar Espaço Grill onde por exigência dos órgãos locais de fiscalização monta uma estrutura fechada com bilheteria e nesse novo ambiente torna-se um ponto de encontro, sobretudo, entre as travestis e seus clientes. E como num primeiro momento não há uma aceitação por parte do proprietário a essa prática dentro do estabelecimento, as travestis aos poucos passam a ocupar a praça. A partir de 2015 a casa de shows passa a ter a denominação nome fantasia New Girus Club que em conjunto com outra casa de show denominada Absolut na mesma avenida principal e outra casa denominada Cupu Night Club, localizado na folha 06, forma um circuito de entretenimento que está direta ou indiretamente influenciando no deslocamento

---

<sup>15</sup> Apelido Grill, vem do nome da casa de Shows que Sandy frequentava diariamente (informação verbal).

<sup>16</sup> Nome Social da Travesti mais antiga do ponto, Praça Baltazar Jorge.

<sup>17</sup> J. A. C.



dos clientes e conseqüentemente das profissionais do sexo, as Travestis. Diante disso é possível perceber que existe uma relação (interação) entre a casa de shows, a praça e as Travestis que se apropriam do espaço público para a prática da prostituição, acaba por tornar-se um espaço de resistência às normas instituídas.

Em Marabá, de acordo com relatos recolhidos pelas profissionais do sexo, diferente dos grandes centros como Belém, São Paulo e Rio de Janeiro, ainda não existe uma rede de articulação forte entre a modalidade prostituição e estabelecimentos comerciais como bares, restaurantes, espaços de lazer, motel, hotel, danceterias, taxistas, mototaxistas. Sua existência não é negada é apenas algo não estruturado, sendo mais consistente nos cabarés.



**FOTO 03 – VISTA PARCIAL ESPAÇO GRILL:** Estabelecimento estilo danceteria que atende público noturno, o que gerente um fluxo de pessoas durante toda a madrugada no entorno da Praça Baltazar Jorge. (Fonte: Street View, Maio de 2012).



**FOTO 04 – VISTA DA FACHADA NEW GIRUS CLUB:** Estabelecimento mudou de nome após ser vendido pelo antigo proprietário. As festas ocorrem quinta, sexta, sábado e domingo, detalhe da foto tirada numa sexta-feira, houve festa na noite anterior. (Fonte: SILVA, R. C, Junho de 2016).

Através de levantamento de campo no Núcleo nova Marabá, foi identificado num primeiro momento três estabelecimentos comerciais estilo cabaré, a saber: Oásis, localizado entre as folhas 20 e 21 (foco em prostituição feminina), considerado de luxo e frequentado por grandes empresários; Bar e Cabaré do Deri, localizado entre as folhas 17 e 19, próximo da praça da Criança (foco em prostituição masculina e feminina); Cabaré Chocolate, localizado na Folha 23 (foco em prostituição feminina); e o mais “recente”, Helena Shows (com foco em prostituição feminina), localizado na folha 07, totalizando quatro. Outros estabelecimentos com forte apelo para atender esta modalidade são os motéis. No total foram identificados ainda no Núcleo nova Marabá seis, são eles: Flor de Lís (FL 20), Ellus (FL 30), Motel Malibu, Leblon Motel e Previllege Motel (Rod. Transamazônica), A2 (BR 155). Um estudo mais aprofundado pode apontar a existência ou não relacionado a uma rede de articulações entre estes estabelecimentos e a prática da prostituição, neste momento os dados da pesquisa não dispõem de informações suficientes para estes apontamentos, apenas hipótese. Através da pesquisa empírica e o trabalho de campo foi possível verificar as seguintes situações: a prostituição Feminina ocorre quase que exclusivamente em espaços privados (cabarés), a prostituição Masculina é pouco explorada, seja em espaço público ou privado, ocorrendo mais através de espaços virtuais em sites bate papo (uol), ou através de aplicativos específicos como Scruff, Badoo, Grinder, Manhut, Hornet, Tinder e WhatsApp, e a prostituição travesti ocorre principalmente em espaços públicos.

## **1.2) Procedimentos metodológicos**

O ponto de partida da pesquisa reside em um levantamento bibliográfico em obras com temáticas sobre espaço público, gênero, território e territorialidades, bem como textos que discutem microterritórios, territórios flexíveis, móveis e identidade territorial, ou seja, discussões que auxiliam na compreensão frente aos territórios de prostituição. Além disso, buscou-se fazer um levantamento bibliográfico de obras que retratam a prostituição e exploração sexual. A análise bibliográfica é crucial para uma pesquisa científica, pois é nela que se verificam os pensamentos de autores que já pesquisaram sobre o tema e também onde existe uma construção ideológica que permite fundamentar a pesquisa.

A segunda etapa refere-se à pesquisa de campo que permite uma visualização do fenômeno da prostituição nos espaços públicos (praças) com o foco na praça Msr. Baltazar Jorge, bem como levantamento e coleta de dados através de fotos, delimitação da área de atuação (território), entrevistas semiestruturadas: modalidade de pautas com os grupos

envolvidos diretamente na prática da prostituição, as Travestis, num momento posterior entrevistas com organizações que atuam em defesa destes sujeitos: Grupo Atitude LGBT de Marabá-PA e ONG consciência, no total foram efetuadas 12 (doze) entrevistas.

A terceira etapa reside na elaboração de mapas temáticos, uma ferramenta auxiliar importante para localização dos pontos de prostituição, bem como as estratégias espaciais de consolidação destes territórios nos espaços públicos de Marabá (PA). Através de *software* livre Google Earth Pró versão, versão 7.1.5.1557. Com base nas informações de coleta de campo e apontamentos através das entrevistas.

Mas afinal o que é espaço público? Qual a finalidade de uma praça? Num primeiro momento parecem perguntas fáceis ou óbvias, todavia, quando definimos algo estamos incorrendo no risco do reducionismo. Para auxiliar no entendimento em relação ao conceito de espaço público temos Serpa (2007) que define o espaço público como local de ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política. Para Gomes (2002) é local onde o indivíduo tem livre acesso e pode expressar diálogo ou exprimir opiniões, um espaço de sociabilidade; e em relação às praças como usos e finalidades que vai de encontro com os interesses que determinado grupo possuem com esses espaços (LIMA *et alli*, 1994; MACEDO; ROBBA, 2002).

Para uma análise do fenômeno da prostituição através da perspectiva geográfica é preciso entender a relação existente entre espaço/território e prostituição. Outras ciências como Antropologia, Psicologia e História possuem importantes contribuições sobre o tema abordado. Para além do simples levantamento de obras que abordam a temática é preciso considerar as obras de relevância para construção e fundamentação da pesquisa. A prostituição aos poucos vem ganhando foco nos debates geográficos principalmente pela sua estreita relação com o espaço promovendo interações socioespaciais na construção de múltiplos territórios e territorialidades específicas. Diante disso, o território torna-se uma importante ferramenta de análise deste fenômeno.

Na contemporaneidade, o interesse pela dimensão espacial dos fenômenos sócio-econômico-culturais vem se fortalecendo nas ciências sociais (SCHNEIDER; TARTARUGA, 2004). O território enquanto ferramenta analítica permite uma análise em múltiplas escalas contribuindo para construção de conhecimento sobre os relativamente recentes estudos geográficos de grupos sociais urbanos relacionadas à prática da prostituição. Entretanto, devido à polissemia que envolve sua definição faz-se necessário um esforço do pesquisador quanto ao enfoque teórico-metodológico mais adequado a sua linha de pesquisa.

A prostituição pode ser caracterizada como uma atividade econômica (BLANCHETTE; SILVA, 2009) ou não dependendo da situação e dos sujeitos envolvidos, todavia, o (a) profissional do sexo é reconhecido (a) pelo MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) desde 2002, de acordo com CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) através do código 5198-05 que define Profissional do sexo: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo que buscam programas sexuais, atendem e acompanham clientes. É importante frisar que ainda não existe uma lei específica que trate das questões relativas à prática da prostituição, regulação e controle. Todavia, a prática da prostituição via de regra envolve pecúnia, ou seja, a troca de favores sexuais por uma quantia em dinheiro, neste sentido, torna-se uma atividade econômica promovendo interações espaciais como qualquer outra atividade, só que, pela sua especificidade, promove uma tríade espaço-identidades, gênero e poder (BORGHI, 2015) na produção de territórios bem como múltiplas territorialidades. Esse enfoque se deu principalmente através da geografia da sexualidade que permite uma releitura do espaço e do território.

No campo da geografia, aos poucos se tem produzido sobre os territórios da prostituição, principalmente a partir de 1990. Destacam-se trabalhos na área que envolvem a temática da prostituição no Rio de Janeiro (MATTOS; RIBEIRO, 1996), territórios da prostituição travesti (ORNAT, 2008) e (SILVA, 2002), só para exemplificar algumas importantes contribuições na temática abordada. O que se pode destacar em comum desses autores é em relação ao conceito de território como ferramenta de extrema importância na análise espacial da prostituição.

O conceito de território dentro das análises geográficas modificou-se ao longo do processo de formação e consolidação desta ciência adequando-se às novas realidades impostas pela sociedade. Busca-se neste breve resgate demonstrar as novas perspectivas de território enquanto categoria de análise pela sua multiplicidade de aspectos na interpretação dos fenômenos geográficos contemporâneos, na medida em que contemple a noção de dinamismo, contradições, relações de poder, gênero e identidades (FERREIRA, 2014).

O território caracterizado pelo viés da prostituição revela a possibilidade de uma pesquisa de dimensão qualitativa que pode ser analisada pelo menos em dois momentos. O primeiro diz respeito à relação existente entre território e prostituição na produção de múltiplas territorialidades, neste caso os territórios da prostituição são considerados aqueles apropriados, em uma rua ou um conjunto de ruas, durante um período determinado

(MATTOS E RIBEIRO, 1996). Tal análise é importante para identificar as diferentes territorialidades produzidas pelos grupos sociais urbanos, a saber: as Travestis, moradores, *Skatistas*, *Sleckline*, Traficantes e outros, bem como os diferentes usos destes territórios de acordo com os interesses que diferenciam por comportamentos, valores, estéticas e práticas sociais (COSTA, 2010, p. 79). O outro momento é a análise das estratégias espaciais de territorialização destes grupos para manutenção e controle de seus territórios (MATOS; RIBEIRO, 1996, p. 62):

Cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, defendendo-o, algumas vezes, da ameaça de invasão “[...]” e de outros atores sociais. Nessas áreas, a dimensão espacial e o controle territorial são peças chaves para obter-se o poder. A prática da prostituição é, na realidade, uma relação de poder, por que as pessoas que ganham a vida prostituindo-se estabelecem um território onde se desenvolve esta atividade.

Em relação ao controle do território, a própria sexualidade torna-se um fator ativo na manutenção de um dado território, bem como a linguagem corpórea, que transmite códigos de comportamentos, neste sentido, estamos falando da territorialidade através do senso de identidade, compartimentação e interação (SOYA, 1971 <sup>18</sup> *apud* RAFFESTIN, 1993, p. 162). Ou ainda de acordo com Oliveira (2002) é estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar recursos ou pessoas. A legitimação de determinada área é feita na base do conflito, que pode ser objetivo e direto, ou subjetivo e simbólico (BOURDIEU, 2002<sup>19</sup> *apud* VASCONCELOS *et alli*, 2016, p. 56). Neste está inserido a identidade do grupo bem como a identidade territorial (CLAVAL, 1999). No caso da prostituição a identidade territorial tem um caráter mais ‘funcional’ em detrimento do afetivo.

### 1.3) Prostituição, gênero e identidade: uma aproximação

Quando se trabalha com a temática prostituição, num primeiro momento pode parecer fácil a sua conceituação, entretanto, é preciso levar em consideração a sua variabilidade que decorre desde o “coito” (ato de penetração) ao *voyeurismo* (consiste em observar uma pessoa em se despir) ou uma simples conversa” (CUNHA, 2012). Uma tentativa de caracterização conceitual de Ribeiro (2008) é prostituição como toda a troca de favores sexuais com o objetivo de satisfação: fisiológica e/ou psíquica por um individuo, grupo ou instituição sem

---

<sup>18</sup> SOJA, E. W. The political Organization of Space. Washington, D.C: AAG Comission on College Geography. 1971.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

que haja ‘afetividade’ por uma quantia pecuniária, ou ainda, oferta do corpo e procura em troca de remuneração, é importante frisar que nem sempre há envolvimento de forma direta com pagamento em dinheiro, estes profissionais recebem outras formas de pagamento como: favorecimentos profissionais, viagens, presentes e outras formas de trocas.

A prostituição pode ocorrer em espaços privados (cabarés, *night clubs*, casa de massagens entre outros) como em espaços públicos (praças, acessos, elevados, ruas e avenidas). Algumas questões vão surgindo no decorrer da pesquisa, entre elas, a prostituição é uma opção (escolha) ou determinação social? Estratégia de sobrevivência? Essas questões são pertinentes e com uma carga maior em relação à profissão (prostituição) atrelada à questão de gênero (sexualidade) que acaba amplificando a marginalização de alguns sujeitos.

Ao trabalhar a questão da sexualidade humana nos deparamos com uma diversidade que não cabe em parâmetros e conceituações, entretanto, convencionou-se dividir essa polissemia em dois grupos distintos: gênero masculino e feminino, excluindo todas as outras formas de expressões de identidades de gênero, sendo que, essas são características fundamentais da experiência humana. Mas o que é sexualidade? O que caracteriza identidade de gênero? E como a geografia pode contribuir com a discussão que envolve a identidade-gênero-prostituição-território? De acordo com André (1990<sup>20</sup> *apud* PIRES; SILVA, 2014), a partir da década 1980, a geografia humana passa a considerar em suas análises a dimensão “intimidade” dos sujeitos nas análises espaço-territoriais incorporando o componente gênero permitindo compreender a realidade social sobre um novo olhar. Ao trabalhar a questão da prostituição um dos elementos que ajuda a compreender as relações sociais manifestas num dado espaço apropriado se dá através da identidade de gênero, que acaba por promover interações entre diferentes grupos num mesmo território, uma identidade relacional em um espaço de convivência (COSTA, 2010). Como o grupo que damos enfoque na pesquisa é o das travestis, fazer-se necessário uma breve explanação quanto a questões de identidade de gênero bem como uma breve expressão a cerca da sexualidade humana lançando luz para uma melhor compreensão acerca deste tema.

Quando se trabalha com a questão da sexualidade humana é necessário compreender a diversidade existente para além das questões meramente biológicas que divide gênero em masculino x feminino, é preciso inserir a questão cultural bem como demais elementos que contribuem para consolidação da sexualidade. Uma frase com uma ponta de provocação/reflexão dito por Simone de Beauvoir (1980) “Ninguém nasce mulher: torna-se

---

<sup>20</sup> ANDRÉ, M. Isabel. **O gênero em Geografia: introdução de um novo tema**. Finisterra, XXV, 50, Lisboa, 1990, p. 331-348.

uma”, procura demonstrar o construto social em torno da questão da sexualidade. O debate em torno desta questão ainda encontra-se carregado de um ranço heteronormativo<sup>21</sup> nos mais variados ramos científicos. A superação desse ranço é necessária e no campo do conhecimento Geográfico não pode ser diferente. Uma rica discussão acerca da temática que envolve gênero-sexualidade-poder-território através de uma hierarquização pela divisão do sexo impondo uma ordem social e até um instrumento de controle passível de investigação geográfica (BOURDIEU, 1999).

Para além do conceito engessado com o intuito de auxiliar numa abordagem correta em relação aos termos, formas de tratamento e expressões, foi criado em parceria com Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids – UNAIDS e Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT o manual de comunicação. Tendo como público alvo profissionais, estudantes e professores da área de comunicação (Jornalistas, Radialistas, Publicitários, Relações Públicas, Bibliotecários, bem como outros segmentos do meio acadêmico). Tendo como principal objetivo evitar uso inadequado e preconceituoso de terminologias que afetam a cidadania e a dignidade de LGBT’s no país, seus familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho. O próprio manual enfatiza que os conceitos não são fechados, ao contrário, são passíveis de discussão e adequações de acordo com a evolução da sociedade. O primeiro conceito a ser discutido no manual refere-se à questão da sexualidade:

As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas (ABGLT, 2009).

A questão da sexualidade vai além da questão externa/interna, biológico/fisiológico enquanto mera divisão homem/mulher, ativo/passivo conforme pontua Simone de Beauvoir, essa questão de sexualidade torna-se também um construto social. Já em relação ao gênero o manual possui a seguinte ponderação:

---

<sup>21</sup> Termo segundo Warner (1993) compreendido e problematizado como um padrão de sexualidade que regula o modo como as sociedades ocidentais estão organizadas. Marginalização nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual. Conceito advindo da teoria *queer* estreitamente ligado à ideologia hegemônica de uma heterossexualidade compulsória. WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do movimento feminista. Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos (ABGLT, 2009).

Diferente da sexualidade, o gênero remeteria às relações entre os sujeitos a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos subordinação/dominação (SCOTT, 1995). Este torna-se uma categorização de ordem social. Ao se trabalhar a questão da identidade de Gênero:

É uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher) (ABGLT, 2009).

Em relação à identidade de gênero, o manual descreve como algo individual em relação à percepção internalizada que o sujeito possui sobre si para além do sexo biológico, ou seja, remete à maneira como a pessoa se enxerga. O gênero que se identifica e nessa concepção surge outras terminologias como **Transexual**: Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) à sua identidade de gênero constituída. **Transgênero**: Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade. **Travesti**: Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade acrescentando que, neste caso a pessoa não sente necessidade de intervenções cirúrgicas para mudanças de sexo, mas, ocorrem procedimentos cirúrgicos visando alterar traços masculinos e correções estéticas no corpo como a colocação de próteses.



Muitas travestis modificam seus corpos por meio de hormonioterapias<sup>22</sup>, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas (definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008). Diferentemente das transexuais, as travestis não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (mudança de órgão genital). Utiliza-se o artigo definido feminino “A” para falar da Travesti (aquela que possui seios, corpo, vestimentas, cabelos, e formas femininas). É incorreto usar o artigo masculino, por exemplo, “O” travesti Maria, pois está se referindo a uma pessoa do gênero feminino (ABGLT, 2009). Em relação às caracterizações de gênero-sexualidade-identidade são construções históricas e socioculturais que variam em diferentes sociedades, bem como os diferentes papéis atribuídos a cada um (MEAD, 1972<sup>23</sup> *apud* SILVA, 1998).

O olhar geográfico sobre a questão de gênero leva em consideração a temática enquanto dimensão da vida social incorporando as estruturas hierárquicas/econômicas existentes com relação à sexualidade (SILVA, 1998). Neste sentido, as desigualdades em relação ao gênero podem ser trabalhadas através da ciência Geográfica com um diálogo interdisciplinar e crítico no contexto contemporâneo, ou seja, gênero enquanto categoria busca perceber as relações sociais entre os sexos culturalmente construídas e os papéis atribuídos (COSTA, 1994). As estruturas hierárquicas/econômicas existentes negam as travestis a oportunidade de um trabalho formal o que condiciona em muitos casos a prostituição por conta do preconceito que, segundo Lima (2011<sup>24</sup> *apud* Vasconcelos, 2014), a heteronormatividade presente em nossa sociedade traduz a ideia de que ser heterossexual é algo natural, instintivo. Assim, a homossexualidade é vista como algo errado e que não é normal. Neste caso, temos a negação ao direito de cidadania destas pessoas, e isso pode ser traduzido através de dados. Segundo Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 90% estão se prostituindo no Brasil principalmente pelo preconceito quando elas se candidatam a uma vaga (LAPA, 2013). Neste sentido, a geografia pode e deve contribuir com esse debate entorno dessas desigualdades em relação a gênero e o território torna-se uma importante ferramenta para essa análise como veremos a seguir.

---

<sup>22</sup> De acordo com Santos (2013) tratamento com hormônios para reversão sexual, processo que permite transformações de características físicas/sexuais adequadas a identificação psicosssexual do indivíduo.

<sup>23</sup> MEAD, Margeret. **Sexo y Temperamento**. Buenos Aires: Paidós, 1972.

<sup>24</sup> LIMA, Rita de Lourdes de. **Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões**. Em Pauta, n. 28, pp. 165-182. 2011.

## 2) Prostituição: território e territorialidade

### 2.1) Perspectiva geográfica sobre a Prostituição

Na perspectiva geográfica a prostituição gera uma dinâmica de relações no espaço e no tempo, de forma direta ou indireta (MATTOS; RIBEIRO, 1995) e essas relações espaço-temporais são um elemento fundamental para existência de um grupo (ORNAT, 2008). Os indivíduos envolvidos nessas interações promovem de acordo com seus interesses a produção de territórios específicos, através de múltiplas territorialidades.

A construção de um território é de vital importância para que um determinado grupo possa exercer um controle, de modo a permitir a manutenção de atividades e realizar o exercício de poder (PIMENTEL, 2012). O território enquanto um dos conceitos chaves da Geografia vem ganhando novas perspectivas enquanto categoria de análise pela sua multiplicidade de aspectos na interpretação dos fenômenos geográficos contemporâneos, na medida em que contemple a noção de dinamismo, contradições, relações de poder, gênero e identidades (FERREIRA, 2014).

Essa nova perspectiva do conceito de território permite lançar outro olhar sobre as territorialidades no espaço intraurbano contemporâneo, permitindo flexibilizar seu conceito engessado que esteve atrelado à sua dimensão política que remete ao Estado-Nação (SILVA, 2009), a saber, suas outras dimensões: território físico-natural, território econômico (visto como fonte de recursos) e território cultural ou simbólico cultural (HAESBAERT, 2004).

Nas análises científicas, um dos elementos que se sobressai do conceito de território é a relação de poder (CAVALCANTI, 1998) e o que nos reforça Souza (2000, p. 78) “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Esse poder não necessariamente está vinculado à questão de força ou imposição, e, sim das relações que se projetam no território, reforçando a relação entre poder e território e suas múltiplas escalas. Sobre esse olhar, Arendt (2009<sup>25</sup> *apud* NETO, 2013) nos esclarece, o poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido (...) sem um povo ou grupo não há poder.

O poder nesse sentido assume um caráter mais subjetivo no relacionamento que alguns indivíduos possuem com o espaço, bem como as lutas sociais desenvolvidas, resultando na

---

<sup>25</sup> ARENDT, H. (2009). **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

formação de múltiplas territorialidades, não só por grupos aceitos pela sociedade, mas também por aqueles tidos como transgressores de normas, e quando isso ocorre são excluídos, colocados à margem desta, como o caso das travestis nos espaços públicos de Marabá (PA).

O conceito de território foi sendo modificado ao longo do percurso histórico, mudanças que procuram acompanhar a evolução da sociedade em sua multiplicidade de fenômenos. Essa evolução não é linear como pontuado no texto, essa estrutura fora desenvolvida para compreender as diferentes fases (dimensões) pela qual o território ganha novos contornos: através da mudança de escala e novos atores nas análises territoriais (grupos sociais urbanos).

Neste sentido, no século XIX com a chamada Geografia Tradicional – determinismo Ratzel (1844-1904) – o território foi relacionado à dimensão da materialidade, sentido (vertical), através da conjugação: solo e povo, “Espaço Vital”, e Estado-Nação pelo poder político, dominação unidimensional (possessão). Em contraposição, temos La Blache (1845-1918) com o Possibilismo que converge com o determinismo em relação à materialidade do território pautado no poder do Estado, todavia, este surge com vistas em combater o determinismo Ratzeliano e justificar o colonialismo afro-asiático francês; já com o método regional (Empírico e lógico), o território perde importância, uma vez que a Geografia neste momento preocupa-se em estudar diferenciação de áreas “Regiões” focada em suas particularidades (SAQUET, 2009).

Já no século XX com a chamada Geografia Pragmática ou teórica quantitativa (1945-1989) o que predomina nos debates é a abordagem sistêmica (teoria dos sistemas), o desenvolvimentismo, pouco se discute sobre território. Temos ainda a Geografia Regional (HARTSHORNE, 1940) que discute a abordagem sistêmica e regional (FERNANDES, 2013).

Com a Geografia crítica, principalmente sob a influência do materialismo histórico e dialético, mas não exclusivamente (a partir de 1960) o território domina novamente os debates. Temos importantes contribuições como Robert Sack (1986) em que destaca que o território está ligado ao controle de pessoas e/ou recursos através de uma área, neste caso, há uma mudança de escala e através desta mudança é possível trabalhar com áreas menores dentro do espaço urbano bem como os territórios da prostituição, sobretudo pela sua escala que compreende muitas vezes apenas uma rua, avenida, calçada ou praça (FERNANDES, 2013).

Temos também Rafestin (1980;1981;1993) baseado em Foucault que trabalha a dimensão material ou abstrata objetivado por relações sociais, poder e dominação, o que

implica a cristalização de uma territorialidade resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível, *Poder político-multidimensional* (FERNANDES, 2013).

Outras importantes contribuições de David Harvey (1968), Yves Lacoste (1970), Milton Santos (Território usado) em que o território se caracteriza pela sua materialidade (não se reduzindo à abstração matemática), mas extrapola essa mesma materialidade ao incorporar a dimensão social. Incorpora técnicas e expressa principalmente funções econômicas “sistema de objetos: forças produtivas e ações: relações sociais. Outras categorias são trabalhadas por Lefebvre (1986;2006) – através do método regressivo e progressivo ressaltando a dimensão política material e subjetiva de representações espaço-territoriais, ou seja, ‘percebido’, ‘concebido’ e ‘vivido’ pelo valor de uso e de apropriação; já Haesbaert (2001, 2004, 2007) trabalha com a dimensão funcional: *poder caráter estatal jurídico-político-econômico* ‘concreto’ embate classes sociais e relação capital-trabalho; simbólico-cultural, apropriação ‘subjetiva’ (micro poder) incorporando um novo elemento a ser considerado a *identidade social* (SANTOS, 2009).

Neste momento essas contribuições são de vital importância para compreender as diferentes formas de apropriação do espaço intra-urbano por diferentes grupos através de relações diferenciais de poder. No século XXI, a Geografia Humanista (feminista, *queer*) reconhece o território a partir das identidades compartilhadas e relações de pertencimento, temos na contemporaneidade debates em relação a novos elementos inseridos nas análises territoriais: gênero, identidade, sexualidade e prostituição, principalmente através das contribuições de Ribeiro (2009) e Ornat e Silva (2008).

Com a flexibilização do conceito de território principalmente na chamada geografia cultural acaba por permitir lançar novos olhares sobre a organização espacial dos grupos sociais urbanos através de suas lutas e transgressões que acabam por produzir territorialidades específicas, principalmente quando se trabalha a questão de subjetividade na apropriação, manutenção e controle de seus territórios. Ornat (2008) pontua que na prostituição travesti a identidade é um importante fator para compreender a territorialização deste grupo.

Ainda segundo Costa (2010) a atuação desses sujeitos que começam a se apropriar do espaço a partir de ações com objetivos relacionais tendem a constituir territorializações que expressam ações objetivadas, de apropriação espacial, devido a uma intenção relacional, no caso dos grupos das Travestis esse processo é determinado pela sexualidade.

Como podemos conferir no mapa 02 referente à área de estudo, a Praça Msr. Baltazar Jorge é possível identificar a existência de territorialidades distintas a partir de grupos que atuam neste espaço que foi construído ‘concebido’ Lefebvre (1974<sup>26</sup> *apud* SOUZA, 2009) pelo poder Público com o intuito de promover convivência e/ou a recreação/lazer. Nesse momento há um choque de interesses conflitantes entre os moradores próximos a praça e as travestis que acaba por gerar violência de todos os tipos seja objetiva ou subjetiva.

De acordo com Silva (2008), as travestis sofrem uma exclusão espacial, pela atividade que exercem, bem como pelo preconceito em relação a sua identidade (gênero) em que constantemente são obrigadas a deslocar-se em busca de novas áreas pelo processo de “desterritorialização” e reterritorialização.

Uma constante na fala das travestis é em relação aos conflitos existentes, internos entre os membros do grupo e os outros atores sociais como: moradores, polícia, traficantes, clientes e demais frequentadores da praça como serão enumerados ao longo deste capítulo.

A gente precisa se defender, todas nós andam com uma faca pequena na bolsa, tem cliente que não quer pagar pelo programa, e outros pagam e querem tomar o dinheiro de volta, eles não valorizam a prostituição quer pagar qualquer coisa, eu cobro R\$ 50,00 só quer pagar R\$ 30,00. Quando não quer pagar eu ameaço mesmo (Entrevista com Nikole, em 01/09/2015).

Analisando a área de estudo foi possível chegar às delimitações no mapa 01 através da identificação de diferentes relações de poder presentes neste espaço, relações essas que se projetam em micro escalas. É importante frisar que essas delimitações além de subjetivas não possuem limites rígidos ou físicos, podem ocorrer inclusive sobreposições como representadas no fluxograma 01.

Diante disso, é possível identificar 04 pontos principais com territorialidades distintas: ponto 01 destacado no mapa em vermelho onde ocorre venda/comercialização de drogas no período noturno. Essa área ocupada pelos traficantes “Aviãozinho” fica no centro da praça que possui uma arquitetura circular de 360° graus que facilita a observação tanto dos clientes quanto da polícia que frequentemente faz abordagem neste local; ponto 02 destacado em roxo no mapa onde ocorre a mediação da prática da prostituição e estende-se para além dos limites físicos da praça, contemplando uma parte que segue no sentido do ginásio poliesportivo entre as folhas 16 e 17 também no período noturno o que provoca uma disputa com o ponto de vendas de drogas.

---

<sup>26</sup> LEFEBVRE Henri, *La production de l'espace*, Paris, Ed anthropos, 1974.

Sempre tem disputa entre os traficantes, mas o nosso ponto e enfrente o espaço Grill e no ginásio, é eles lá e nós aqui. A policia de vez em quando vem ai e revista todo mundo. La na praça se bobear eles tomam mesmo celular das meninas eu já perdi as contas de quantos já me tomaram. (Entrevista com Nikole, em 01/09/2015).

Existe uma tensão permanente entre os traficantes-polícia, já com as Travestis essa tensão não é tão latente, a abordagem policial ocorre, mas não é tão frequente, a tensão maior é com os traficantes, moradores próximos a praça e alguns clientes. Devido essa tensão, algumas travestis estão deixando de frequentar espaços públicos (praças) e migrando para ambiente virtual para obtenção de clientes como veremos adiante.



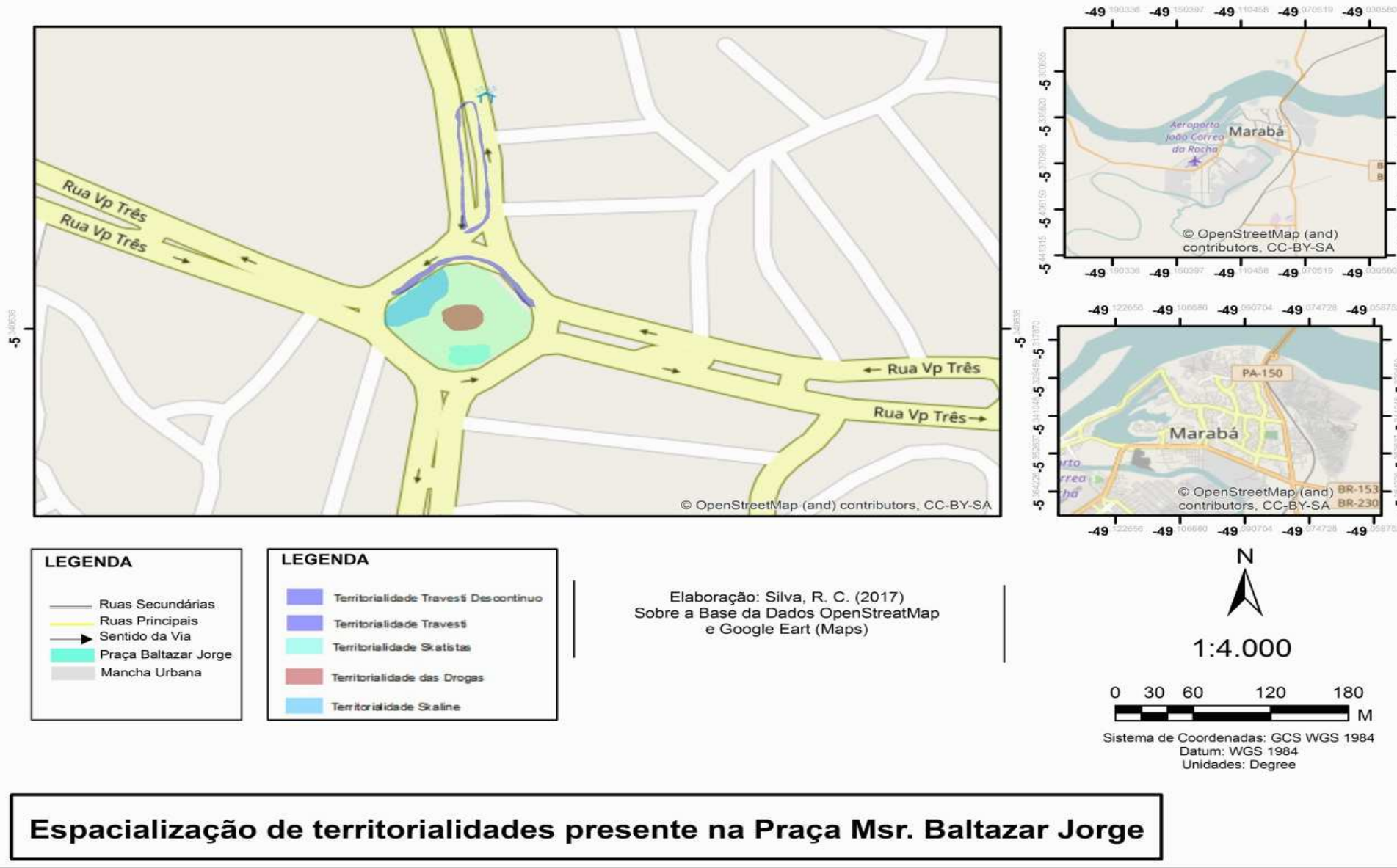
**Foto 05 – Ponto de mediação de prostituição.** Ponto 02 onde ocorre a mediação da prática da prostituição. Espaço com pouca iluminação e deterioração das estruturas físicas “bancos”. (Fonte: Moreira, agosto de 2015).

Na foto 05 a esquerda temos a travesti “Nikole kidman”, que em conjunto a outras travestis, Sandy (*im momenrian*) e Bianca são as pioneiras deste ponto e consideradas velhas<sup>27</sup>. Nikole é a mais antiga em atividade no ponto, ela atua desde 2007 o que contribuiu de forma decisiva na estrutura deste trabalho, pois a mesma torna-se uma peça chave para a pesquisa uma vez que fornece elementos quanto a estrutura, organização, tensões e conflitos, ou seja, traduz em parte o cotidiano das relações presentes neste espaço. Como podemos observar na foto 05, essa parte da praça possui pouca iluminação e a estrutura física deteriorada, no detalhe em relação à estrutura física temos um banco quebrado que de acordo

<sup>27</sup> De acordo com Oliveira (2010, p. 159) a ideia de velha entre as Trans possui íntima correlação com a palavra experiência. As Trans mais velhas são aquelas que conhecem intimamente o território e sua permanência possui um capital simbólico que é respeitado pelas novatas e pelas antigas. Quanto mais antiga, mais respeitada, mais ouvida e mais influente nas negociatas do e no território.

com relato das travestis foram danificados pelos próprios moradores com o objetivo de expulsá-las da praça.

Como pontuado anteriormente, diversos agentes/atores atuam numa verdadeira sobreposição de territorialidades na Praça Baltazar Jorge como podemos observar no mapa 01, essa delimitação possui fronteiras frágeis que não obedecem aos limites físicos da praça.



**Mapa 01 – Espacialização de territorialidades presente na Praça Msr. Baltazar Jorge.**

Fonte: Representação elaborada a partir mapa base OpenStreetMap e Google Earth (Maps) por Silva, R. C. 2017.





**Foto 06** – Reportagem de Jornal. **Abordagem policial:** traficantes e usuários de droga, no ponto 01, fica na área central da Praça Baltazar Jorge. (Fonte: <http://www.ctonline.com.br>, Março de 2016).

Na foto 06 podemos observar a abordagem policial em um grupo de jovens na referida praça, as disputas pelo ponto geram violência, entre membros do grupo e de outras facções rivais para obtenção do controle.



**FOTO 07** – Reportagem de Jornal. “**Homem cai morto dentro de loja de conveniência**”. (Fonte: Chagas e Carvalho, Novembro de 2015)

Na imagem anterior temos uma reportagem do Jornal Correio do Tocantins, versão *on-line* segue um breve relato da reportagem.

A Divisão de Homicídios está investigando a morte de João Danilo Holanda de Oliveira, 28 anos, baleado na Praça Monsenhor Baltazar, na Folha 16, na sexta-feira (13). O mesmo estava na praça quando dois suspeitos teriam chegado, por volta de 21h30, numa motocicleta vermelha e efetuados pelo menos três disparos de acordo com testemunhas. Após ser alvejado na praça, João correu para uma loja de conveniência de um posto próximo, na Folha 20, mas não aguentou os ferimentos e veio a falecer no interior da loja. (Chagas e Carvalho, Reportagem C.T versão *on-line*, Novembro de 2015).

Nesta concepção de conflituosidade entre estes grupos sociais houve por parte do poder público na esfera municipal, por meio da Câmara Municipal de Marabá, que propôs intervenção na área com requerimento nº 71/2014, de autoria do Vereador Pedro Correa Lima, vide anexo, onde solicita reformas na praça e no seu entorno com infraestrutura e iluminação bem como criação de estacionamento em frente ao ginásio poliesportivo tendo como uma das principais justificativas para tal obra a ocorrência de criminalidade e a prática da prostituição, tais intervenções seriam uma solução para esses problemas promovendo assim o reestabelecimento da ocupação deste espaço aos moradores da área bem como aos turistas. Essa é a resposta do poder público em relação os problemas presentes na Praça, ou seja, em vez de trabalhar as questões sociais existentes neste espaço, bem como buscar alternativas, ocorre uma tentativa de mascarar a realidade através de uma “limpeza” estrutural. Mesmo ocorrendo essas obras de infraestrutura, não há garantia que os problemas relacionados à violência, prostituição e drogas, sejam completamente resolvidos.

Outra territorialidade presente na praça é o ponto 03, destaque em azul no mapa, que apesar de não possuir uma estrutura física específica, fora apropriada por adeptos de *slackline* que é uma atividade esportiva praticada em cordas conforme imagem 07 praticada principalmente nos finais de tarde. Do outro lado da praça entre as folhas 20 e 21 foi identificado o ponto 04, destacado em verde no mapa, onde existe uma pequena estrutura cimentada construída para um grupo específico, os Skatistas que utilizam este espaço principalmente no período diurno.

Existem outros grupos que usam e apropriam os espaços da praça de acordo com seus interesses seja para exercícios físicos como a caminhada, evangélicos na realização de cultos aos finais de tarde, jovens que se reúnem nos finais de semana para práticas esportivas diversas, todavia, a ênfase da pesquisa gira em torno da prostituição e as diferentes interações que ocorrem neste espaço.



**Foto 08 - Prática slackline:** Este é o ponto 03 apropriado pelos adeptos de slackline.  
(Fonte: Geoplaces, Novembro de 2015)



**Foto 09 – Ponto Skatistas:** Neste local fica o Ponto n. 04, apropriado pelos Skatistas.  
(Fonte: Cunha. N, Fevereiro de 2014)

A territorialidade que se destaca é a da prática da prostituição pelo seu caráter cíclico e móvel, e, esta, surge principalmente por conta dos equipamentos urbanos do entorno da praça, dentre estes, destaca-se casa de shows, bares, restaurantes e academias que acabam atraindo um

fluxo de pessoas no horário noturno. Neste caso, o território ocupado para a prática da prostituição assume um caráter funcional e temporal (HAESBAERT, 2007).

Em relação à territorialidade, de acordo com Andrade (1993), ainda na dimensão subjetiva, ocorre através da identificação e reconhecimento do espaço pela pessoa ou grupo que o habita, isto é, “A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento da territorialidade” resumindo o próprio conteúdo do território, suas relações cotidianas que dão sentido, valor e função (FUINI, 2014), já a territorialidade(s) no plural significa a qualidade desse território adquirida espacialmente. Em relação ao território, com enfoque na prostituição Mattos e Ribeiro (1994 *apud* SOUZA, 2000) nos esclarece:

Os territórios da prostituição são ‘flutuantes’ ou ‘moveis’ limites instáveis, com áreas de influencia deslizando sobre por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças; a criação de identidade territorial é apenas relativa, mais funcional que efetiva.

Essa qualidade flutuante dos territórios da prostituição lhes confere uma característica marcante, a flexibilidade de suas fronteiras, bem como a sobreposição em outros territórios, essa condição permite um deslocamento mais dinamizado nos espaços. E essa flexibilização é passível de observação na área de estudo uma vez que o local de referência, a praça, vem dando lugar a outros espaços como ponto de prostituição. O exemplo é que o estacionamento do Ginásio poliesportivo está sendo gradativamente tomado pelas travestis e esse deslocamento ocorre principalmente pelas ações de outros grupos pela prática da violência. Por conta disso ou por conveniência outros pontos da cidade estão sendo ocupados pelas travestis: como a Praça da Bíblia no Núcleo Cidade Nova e adjacências (em frente à cartuimp), outro ponto de prostituição identificado localiza-se nas proximidades do Km 06, neste sentido, a subjetividade da territorialidade do sentimento de pertencimento torna-se fragilizado.

Trabalhando um pouco mais a subjetividade da territorialidade no sentimento de pertencimento, Souza (1995, p. 86) desenvolve a seguinte conotação: define entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os *insiders*) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os *outsiders*), ou seja, o sentimento do pertencer ou não a um determinado grupo perpassa pela relação da ‘estranheza’:

No singular, remete a algo extremamente abstrato: aquilo que faz qualquer território um território, isto é, [...] relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre o substrato referencial. Já as territorialidades, no plural, significam

os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmicas: para exemplo os territórios contínuos e descontínuos singulares são representantes de duas territorialidades distintas, contínua e descontínua (SOUZA, 2000, p. 99).

Ou ainda a multiterritorialidade da prostituição pode ser: cíclica, móvel ou em rede. Outra importante contribuição em relação à territorialidade para Haesbaert (2005) consiste em como as pessoas se organizam no espaço e como elas dão significado. A partir do momento que um dado espaço fora apropriado por um grupo e que estes o reconhecem, como sendo seu território conferindo-lhe um sentimento de pertencimento, valor e função Lefebvre (2000<sup>28</sup> *apud* MARTA, 2012), faz-se necessário estratégias para manutenção e controle deste território, esse processo é denominado territorialização. Para entender um pouco mais desse processo, é preciso enumerar quem o constrói e controla, sejam indivíduos, grupos sociais, Estado, empresas e/ou instituições diversas (FERREIRA, 2014). Nosso enfoque é em relação aos grupos sociais urbanos que promovem um ‘controle’ social de acordo com seus objetivos em diferentes escalas.

E a escala de controle desses grupos desenvolve-se em formas micro, essa é uma importante contribuição de Robert Sack, a consideração de que territorialidade é controlar e/ou restringir acessos e ações (em uma rua, na casa ou em uma porção da nação), territorialidade é uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área e estende a territorialização para diversas escalas (CLAVAL, 1999) permitindo o estudo dos chamados micro territórios.

Essa mudança de escala nos permitindo o entendimento da relação entre poder e território, de sua dimensão existencial, que amplia a compreensão das formas de poder e, portanto, das formas de territorialização (SAQUET, 2007). Essa apropriação tem um caráter de cunho simbólico e afetivo através de uma construção de identidade entre os grupos sociais e seu espaço na construção de seus territórios, e, essa identidade é importante para que estes possam exercer um controle para a manutenção de suas atividades e para impedir invasores (SILVA, 2009).

O território da prostituição pode ser construído e dissolvido rapidamente, tende a ser mais instável do que estável. Ou ainda, pode ter uma existência regular e periódica (MATTOS; RIBEIRO, 1996). Por uma questão de definição e entendimento é importante distinguir a diferença entre espaço e território estes não podem ser confundidos como sinônimos.

O espaço é anterior ao território, portanto, sua base é material. Raffestin (1993) *apud* Ferreira (2014, p. 117) nos esclarece:

---

<sup>28</sup> LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4<sup>ème</sup> éd. Paris: Anthropos, 2000.

(...) espaço e território não são termos equivalentes [...]. É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintomático (ator que realiza um programa) em qualquer nível.

Dessa forma, podemos dizer que o espaço é uma das bases que sustenta a realidade, não se deve concebê-lo como uma forma pura ou vazia e nem generalizar a sua concepção a todos os grupos, uma vez que sua percepção varia de acordo com o tempo adequando-se a novas realidades, é preciso conceber sua Inter-dimensão: material, simbólica, cultural e social.

A dimensão social do espaço é trabalhada por Lefebvre como um produto da sociedade, nesses espaços apropriados que se tornam territórios adquirem qualidades e usos de acordo com quem lhes é apropriado, no lugar de limites rígidos vigora a flexibilização de fronteiras demarcadas por códigos: corpóreos, gestuais e linguísticos, que os particulariza e diferencia dos demais, essas regras são reconhecidas e assimiladas pelos membros do grupo bem como outros grupos de “Fora”. Nesse sentido, o espaço por sua vez, é elemento componente da ordem social e funciona tanto como reproduzidor das normas, como possibilidade de transgressão, já que as pessoas vivem por meio do desenvolvimento de espacialidades (ORNAT; SILVA, 2009).

Como fora pontuado ao longo do texto, de acordo com a pesquisa, alguns pontos de prostituição com foco no grupo das travestis foram identificados em Marabá (PA), são eles a Praça da Rotatória da FL 16 (Monsenhor Baltazar Jorge) e no Km 06 nas proximidades da saída para Parauapebas pela BR-155 no Núcleo nova Marabá; outro ponto localiza-se na Praça da Bíblia e adjacências principalmente em frente à cartuimp no Núcleo cidade nova. Com um aprofundamento da pesquisa é possível que se identifique outros locais.

## **2.2) Prostituição nos espaços públicos**

Nas observações a campo foi possível perceber que a prostituição travesti em Marabá (PA) ocorre principalmente nos espaços públicos: Praças, Ruas, Avenidas. O que foi confirmado através de entrevistas com representantes das ONG's que atuam em Marabá, as travestis em atividade e observação a campo permitindo a confecção de um mapa referente à espacialização da prostituição, vide Mapa 02. No decorrer da entrevista questiono Nikole e sua amiga que estava presente no dia que optou por não se identificar qual a importância da praça e a relação com a casa de Shows Espaço Grill (New Girus Club) na manutenção e escolha do local como ponto:



...Sandy, Bianca e eu, fomos as primeiras a ‘fazer ponto’ na praça antes não existia, lá, a gente ia pra festa (espaço Grill) e depois ‘descia’ ‘pra’ praça, elas já faziam programa eu entrei por esporte. (Entrevista com Nikole, em 01/09/2015).

Na entrevista fica evidenciado que a casa de shows denominada Espaço “*Grill*” foi um importante fator que contribuiu para a existência deste ponto, mas, não o único, uma vez que sua localização torna-se privilegiada em relação ao acesso aos equipamentos e serviços urbanos e ao comércio em geral o que garante uma maior visibilidade e conseqüentemente maior chance de obtenção de clientes.

A proximidade da casa de Shows com a praça cria uma relação direta e indireta com o ponto de prostituição na medida em que, os frequentadores tornam-se clientes em potencial na busca de ‘favores sexuais’, além de garantir uma sensação de segurança às travestis devido ao fluxo de pessoas na madrugada. Nos dias em que não há eventos no local a praça torna-se “vazia”, neste sentido, o ponto passa a funcionar de acordo com os eventos do club, ou seja, quinta, sexta, sábado e domingo, o ponto existe desde que a casa de shows passou a atender público adulto a partir de 2007 (Informação verbal<sup>29</sup>).

Quando se trabalha com a prostituição é preciso considerar que esta é praticada em diferentes espaços, seja privado (cabarés, *night clubs*, casa de massagem entre outros) como em espaços públicos (praças, acessos, elevados ruas e avenidas). Existem diferentes definições quanto ao que seja espaço público e privado. Segundo Puime (2014), espaço público é aquele de uso comum e posse de todos. Nestes locais, desenvolvemos atividades coletivas, como o convívio de diversos grupos que chamamos de sociedade urbana e de acordo com este mesmo autor os espaços públicos podem ser subdivididos em duas categorias: Espaços públicos livres (em que é pleno o direito de ir e vir) definidos de circulação (ruas e avenidas) espaços de lazer e conservação (praças, praias e parques); espaços públicos com restrição ao acesso e à circulação, nestes locais a presença é controlada e restrita a determinadas pessoas, como os edifícios públicos (Prefeituras, Fóruns, residências oficiais de governantes), instituições de ensino, hospitais, entre outros; espaços privados são de propriedade privada (pessoas ou empresas), ou seja, casas, lojas comerciais, escolas particulares. Os responsáveis pela manutenção e preservação locais são os proprietários.

E ainda existem aqueles privados com acesso livre ao público como shopping centers, bancos, entre outros, que são privados, mas, que possuem acesso ao público em horários específicos, esse é um ponto de vista jurídico.

---

<sup>29</sup> Informação obtida com o Ex-proprietário da casa de shows espaço grill

Numa abordagem sociológica o espaço público assimila (incorpora) as ações à rua. Pode ser construída como novas formas sociais e políticas, emergentes, onde quem tem menos poder de decisão pode fazer história, ou seja, espaços onde antes eram condicionados a prática de lazer, tornam-se palco de manifestações por direitos como saúde, educação, liberdade expressão, em suma um espaço para criar o político e o social (SASSEN, 2015). Uma visão urbanista considera o espaço público no singular como esfera pública na figura do Estado, um domínio essencialmente político. No plural, espaços públicos compreendem os lugares urbanos que, em conjunto com infraestruturas e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum: ruas, avenidas, praças, parques (CASTRO, 2013); espaço público é essencialmente político, espaço público na cidade contemporânea como espaço da ação política e arena para manifestação de diferentes ideias de “cultura” no contexto urbano (SERPA, 2005). Na psicologia o espaço público constitui como um fator importante de *identificação*, que conota os lugares, manifesta-se através de símbolos e em segundo lugar refere-se o lugar da palavra, como um lugar de socialização, de encontro e também onde se manifestam grupos sociais, culturais e políticos (NARCISO, 2009). Uma posição filosófica em Arendt (2004<sup>30</sup> *apud* TORRES, 2007) evidencia que existe uma relação entre o espaço público e as necessidades e sentimentos humanos. No espaço privado, o ser humano manifesta as suas necessidades íntimas e vitais. Na geografia o espaço público caracteriza-se por abrigar diversas ações que dinamizam a vida urbana levando em consideração os aspectos físicos e as práticas sociais, espaço de sociabilidade, possibilitador de encontros impessoais e anônimos e de presença de diferentes grupos sociais (GOMES, 2012). Na construção do conceito do espaço público diferentes abordagens são necessárias para que ocorra a construção de um diálogo para uma melhor compreensão da apropriação dos espaços públicos por diferentes grupos sociais na contemporaneidade, até mesmo para uma melhor compreensão das lutas, exclusão, segregação e reivindicações.

### **2.3) Apontamentos da pesquisa**

No início do trabalho foi pontuado dois questionamentos que serviram como norte para a pesquisa e desenvolvimento do trabalho são eles: qual a relação existente entre o espaço público (praça) Baltazar Jorge e a prática da prostituição? Quem são os grupos que utilizam o espaço

---

<sup>30</sup> ARENDT, Hannah. Responsabilidade e Julgamento. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



público para prática da prostituição e quais as suas estratégias de territorialização? Ao longo do trabalho através de pesquisa a campo e entrevistas (ONG's e Travestis) foi possível perceber que existe uma estreita relação entre os espaços públicos, principalmente as praças em Marabá (PA) desempenham um papel fundamental para a prática da prostituição pelos seguintes motivos: primeiro como os espaços públicos de acordo com Serpa (2005) é um espaço político e uma arena de manifestação de diferentes ideias de “cultura” são expressões sociais no contexto urbano, ou seja, qualquer um pode e deve utilizar-se desses espaços seja para fins sociabilidade, recreação, expressões políticas ou lazer. Ou seja, esse espaço pode ser apropriado por qualquer pessoa ou grupo com as mais diversas finalidades, e usos, e isso pode ser constatado na área de estudo o que acaba por promover uma convergência de múltiplas territorialidades. A praça é uma local que possibilita a “visibilidade” (vitrine) que possibilita a intermediação entre as travestis que oferecem seus serviços (favores sexuais) e o “cliente”.

Outro elemento a ser considerado são as relações de personalidade que foram estabelecidas neste espaço público (Praça), a partir de interações distintas em diferentes tempos que acabaram por se materializar numa territorialidade que favorece a prática da prostituição.

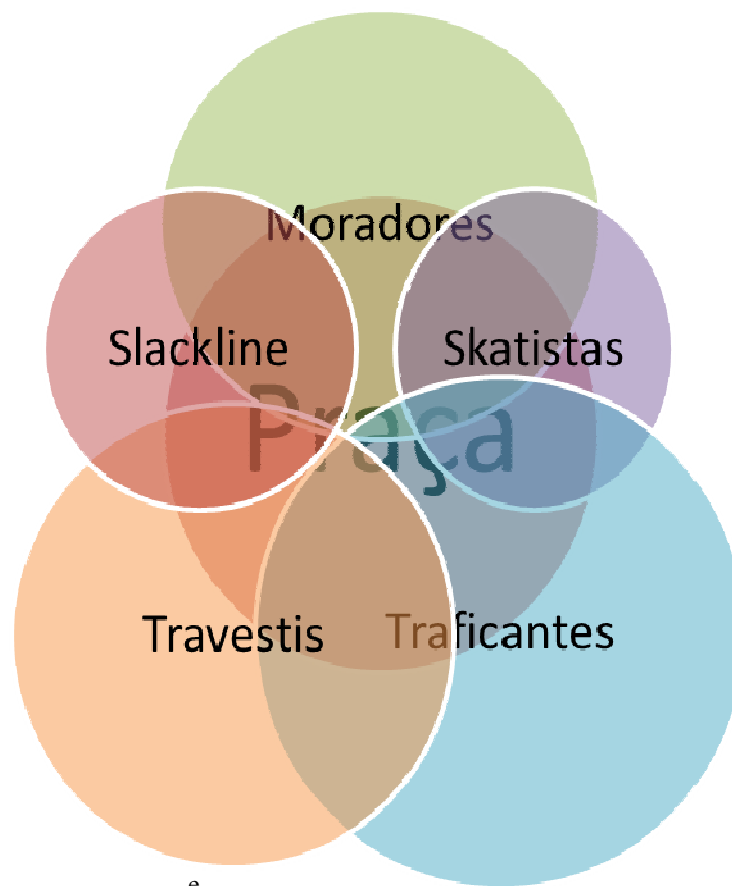
Todavia o grupo das travestis é considerado por parte da comunidade e uma parcela do poder público, como subversivos, transgressores das normas que se utilizam desses espaços das mais variadas formas possíveis, seja para consumo de drogas à prática da prostituição. E o segundo motivo é em razão da localização pela mobilidade de pessoas que acessam diariamente a Praça Baltazar Jorge o que garante exposição (vitrine) e uma maior possibilidade de captação de clientes.

A convergência de atores sociais presente neste espaço confere à praça múltipla territorialidades simbólicas e subjetivas (BOURDIEU, 2002). Entretanto, dois grupos destacam-se dos demais: os traficantes pela sua área de influência e o das Travestis que se destaca de todos os demais não pela área de influencia e sim, pelas suas regras códigos/símbolos traduzidos em gestos, falas e roupas chamativas (SILVA, 2002). Logo abaixo temos uma representação dessas territorialidades sobrepostas através de um fluxograma. A legitimação desses territórios é feita na base do conflito: objetiva quando ocorre violência física ou subjetiva simbólica, principalmente por ameaças a integridade física e mental (BOURDIEU, 2002).

Recentemente ficou evidenciado conflito subjetivo, através de ameaças efetuadas por aplicativos de mensagem *Whatsapp* por moradores próximos à praça que não aceitam a presença das travestis e iniciaram um processo de intimidação direcionado aos ‘clientes’ através de circulação de grupos de mensagens conforme veremos foto 10.

Como pontuado anteriormente, cada grupo presente na Praça Baltazar Jorge segrega seu próprio espaço, todavia, é importante frisar que os limites tanto no mapa 01 quanto no fluxograma abaixo possui algumas características distintas: extrapolam os limites físicos da praça e são demarcações instáveis, fluidas, cíclicas e móveis que obedecem a uma norma de conduta subjetivada pelas ações/relações e estratégias de cada grupo. O modelo deste fluxograma é baseado na ideia de múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2004) pela sobreposição de territórios distintos de diferentes escalas a partir das observações a campo, neste sentido, foi possível identificar as interações e relações sociais presentes na Praça Baltazar Jorge.

Fluxograma 01 – Sobreposição de Territorialidades por diferentes grupos sociais



e

FONTE: Observação a campo e entrevistas

Org: SILVA, R. C (2016).

Quanto à escala de proporcionalidade foi concebida de forma qualitativa tendo como base as entrevistas e abordagens com moradores próximos a praça, totalizando 12 distribuídas da seguinte

forma: 03 (três) entrevistas com as travestis; 01 (uma) com representante do Grupo Atitude LGBT de Marabá; 05 (cinco) com representantes da ONG consciência LGBT de Marabá e 03 (três) abordagens com moradores próximos a praça incluindo o antigo proprietário da casa de Shows Espaço Grill. A partir desses dados foi possível estabelecer 03 elementos principais em relação à área de influência de cada grupo são eles: violência, visibilidade e o uso/ocupação, segue quadro 02 com a síntese de excertos das entrevistas e abordagens com principais trechos que reforçam a afirmativa.

Quadro 02 - Excertos das entrevistas e abordagens

Violência	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A gente precisa se defender, <b>todas nós ‘andam’ com uma faca pequena na bolsa.</b> (Entrevista, com a Travesti Nikole, em 01/09/2015, grifos nossos).</li> <li>• <b>...não existe segurança</b>, evito passar por lá, a praça está abandonada pelo poder público. (Entrevista, com Maria Dalva, do lar, moradora fl 17, em 16/10/2016, grifos nossos).</li> <li>• <b>...já presenciei agressão física</b>, eu passo por lá (praça) diariamente, (Entrevista, com João Paulo, morador fl 17, estudante educação física, em 16/10/2016, grifos nossos).</li> </ul>
Visibilidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ...a gente ia para espaço Grill e <b>depois descia pra praça</b>, nos <b>dias de festa o movimento é maior</b> (Entrevista Realizada com Nikole em 01 de Setembro de 2015, grifos nossos).</li> <li>• A praça é <b>conhecida</b> como ponto de prostituição, droga e poluição sonora (Entrevista, com Alberto Caetano, técnico em telecomunicações, morador da fl 17, em 16/10/2016, grifos nossos).</li> </ul>
Uso/Ocupação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sempre <b>‘fica’</b> algumas das meninas no ponto (Entrevista Realizada com Nikole em 01 de Setembro de 2015, grifos nossos).</li> <li>• Nos dias em que não há eventos no local a praça torna-se “vazia”, o ponto funciona de acordo com os eventos do club, ou seja, <b>quinta, sexta, sábado e domingo</b> (Informação verbal), através de abordagem com morador próximo a praça em 20 de Setembro de 2015.</li> <li>• Eles ‘estão ai’ <b>todos os dias</b>, os traficantes, quando a viatura passa eles saem, mas, logo retornam, a praça sofre com a prostituição, uso de drogas e vandalismo (<b>Informação verbal</b>), através de abordagem com morador próximo a praça em 20 de Setembro de 2015.</li> </ul>

Fonte: levantamento de campo realizado em setembro de 2015.  
Elaboração: Silva, R. C.

Como pontuado anteriormente dois grupos destacam-se dos demais presentes na praça, o dos traficantes e o das travestis em decorrência de sua visibilidade (a praça torna-se um local de referência para quem busca drogas ou ‘favores sexuais’) e devido à natureza de suas atividades tornando-os mais susceptíveis à violência. O destaque vai para os Traficantes que possuem uma

maior área de influência devido ao conflito objetivo, ou seja, violência física ‘armada’ e pelo uso/ocupação do ponto que decorre quase que diariamente.

Em segundo lugar vem o das travestis pela visibilidade, violência e uso/ocupação e em terceiro os moradores principalmente pelo uso/ocupação que utilizam a praça diariamente principalmente para prática de corridas, o quarto e o quinto grupo se diferenciam principalmente pelo uso/ocupação da praça que ocorre de forma alternada nos dias de semana ou final de semana.

Diante disso, é possível perceber que cada grupo exerce certa área de influência pelo grau de interação espacial numa tríade indivíduo-espço-grupo e sua área de abrangência e delimitação em alguns casos são objetivadas na base do conflito com os demais grupos, e isso não quer dizer que não existam conflitos internos a cada grupo, o exemplo disso ocorreu no das travestis que em 2015, uma esfaqueou outra menor de idade conhecida por apelido Lukinha por conta de uma lente de contato não devolvida (**informação verbal**<sup>31</sup>).

Esse relato vai contra algumas das normas estabelecidas entre os membros do grupo das travestis, que entre as estratégias de territorialização da praça: a não violência entre elas, uso constante “demarcação simbólica” do ponto, a praça é uma ‘vitrine’, através da exposição de seus corpos e poses de forma sensual, todos estes elementos são importantes para demarcar e chamar a atenção dos clientes bem como demonstrar aos demais membros do grupo e os demais grupos de ‘fora’ quem domina aquela área. Outra questão é em relação ao trato com o cliente, “não roubar” e nem tratar mal, pois o cliente retornará, neste sentido, o ponto tem de ser o mais agradável possível a clientela.

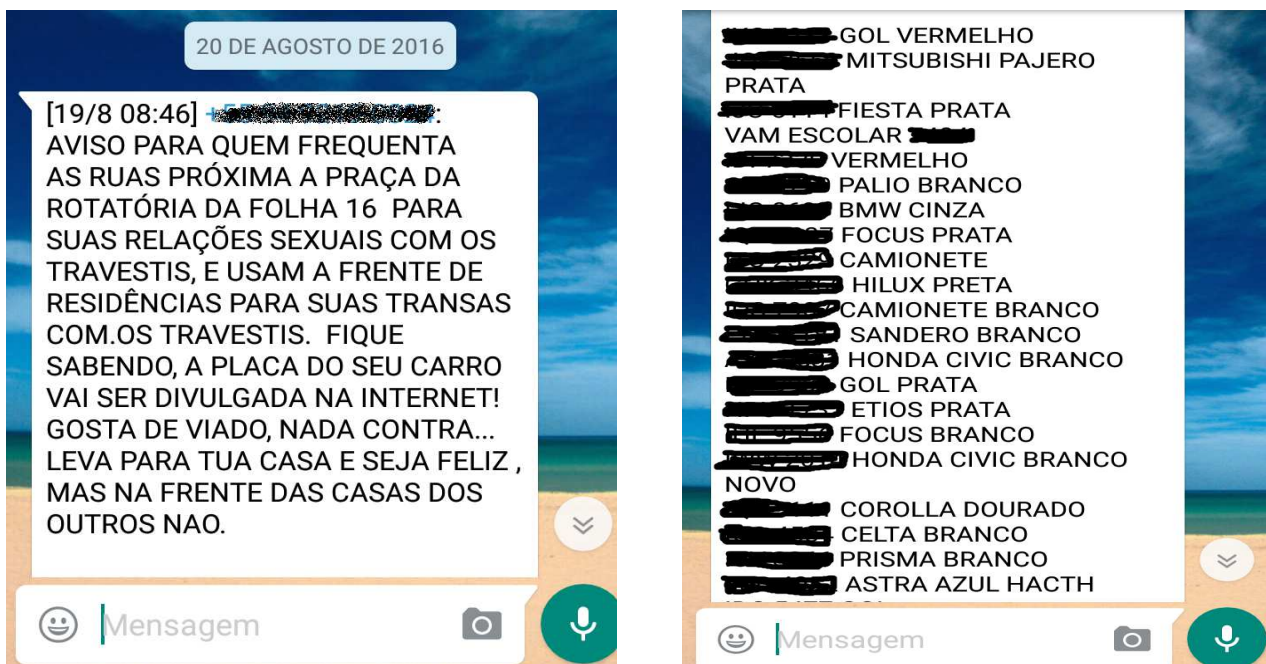
A realidade das travestis, a violência é uma constante no cotidiano destas e o que podemos comprovar através de reportagens de jornais locais e dados do Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, só no Pará em 2012 ocorreram 98 denúncias de violência relacionados às pessoas trans, houve uma diminuição para 36 em 2013. No Brasil, em 2014, ao todo foram registradas 326 mortes. No ano seguinte, em 2015, houve 318 assassinatos de LGBT’s na região. Neste mesmo período foram registrados 50 assassinatos, e desse total 35% são de Travestis de acordo com Grupo Gay da Bahia – GGB.

Em Marabá essa realidade não é diferente, uma das travestis conhecida pelo nome social Paola sofreu tentativa de homicídio na Praça Baltazar. Foram 05 tiros segundo o DOL *online* (2014). Por conta da violência todas andam com uma arma branca: faca, estilete para autodefesa e às vezes as agressões ocorrem por parte dos próprios clientes.

---

<sup>31</sup> Debate ocorrido CAJUN em Marabá promovido pela ONG Consciência LGBT de Marabá, set. 2015

Ainda de acordo com pesquisas do site especializado RedTube (2016), o Brasil é o país que mais consome pornografia travesti na internet, vê 89% a mais que a média mundial. Em contrapartida é o país que mais mata travesti ficando a frente do segundo colocado, México, de acordo com a ONG Transgender Europe dados relativos a 2008 a 2013 (CARPANEZ, 2016).



**FOTO 10 – Ameaças:** através de intimidação aos frequentadores da praça em busca de “sexo”.

Fonte: Silva, R. C. através aplicativo *Whatsapp* em 20 de Agosto de 2016.

Na foto acima vemos as ameaças efetuadas por aplicativos de mensagem *Whatsapp* por moradores, mensagem disseminada por diversos grupos na cidade tendo como foco a prostituição que ocorre na referida praça, uma forma de intimidação principalmente aos clientes.

Em relação às travestis que se prostituem em locais públicos estão sujeitas a uma exposição maior à violência de todos os tipos como pontuado anteriormente, seja, objetiva ou subjetiva. Na imagem a seguir é possível ver o resultado materializado da violência contra as travestis, violência essa que se torna uma constante no cotidiano de pessoas trans.



**FOTO 11** – Reportagem de Jornal “**Travesti Vitima de tentativa de assassinato**”. Local: Praça Baltazar Jorge.  
(Fonte: DOL *Versão on-line*, Julho de 2014).

De acordo com a reportagem W. O. G., de 19 anos, conhecido como Paola, sofreu atentado, sendo o terceiro caso contra homossexuais em uma semana na cidade de Marabá. Segue um breve relato da reportagem.

Segundo a PM, três homens em um gol vermelho podem ter atentado contra a vida de Paola. A vítima estava na Praça Monsenhor Baltazar Jorge. O local é espaço de concentração de homossexuais da Nova Marabá (Reportagem DOL *Versão on-line*, Julho de 2014).

Diante do cenário de violência contra a comunidade LGBT, doenças sexualmente transmissíveis DST/AIDS e a prostituição, principalmente a travesti, foram procurados os representantes dessa comunidade em Marabá (PA) para compreender o que tem sido feito em relação à prostituição e a violência em geral, a saber: Grupo Atitude LGBT de Marabá e ONG Consciência LGBT de Marabá, sendo que a ONG consciência promoveu uma roda de debates em 09 de Setembro de 2015 no auditório da Casa da Juventude de Marabá – CAJUM e estavam presentes representantes envolvidos com a comunidade LGBT em Marabá (PA). Foi estendido convite às travestis que não compareceram. Em outro momento ocorreu uma entrevista com o Presidente do Grupo Atitude LGBT de Marabá, Bruno Gomes.



**FOTO 12 – Reunião com representantes da Comunidade LGBT.** Ong Consciência, debate ocorrido na sede – Casa da Juventude de Marabá - CAJUN  
(Fonte: Silva, R. C, e ONG Consciência LGBT de Marabá, setembro de 2015)

Neste momento foi possível confronto de ideias e de informações na rodada de conversas e foi possível chegar algumas conclusões: as travestis não se sentem representadas por nenhum dos grupos locais, e, por sua vez, os representantes dos grupos dizem que atuam em defesa dos direitos destas. Todavia, as travestis segregam-se não comparecendo ao debate sobre suas demandas; outra conclusão é em relação à divisão interna que existe dentro do Grupo Atitude e ONG Consciência que em vez de unir forças tendem ao desgaste de acusações sobre legitimidade afirmativa, todavia, ambos os grupos tem buscado visibilidade e representatividade da comunidade LGBT em Marabá (PA), através da promoção de eventos e festas e a prevenção de doenças DST/AIDS conforme entrevista do representante do grupo atitude.

Temos atuado junto às travestis através de parceria com estado no atendimento jurídico, na emissão de carteira de identidade social, na distribuição de camisinhas e palestras de prevenção a DST/AIDS em parceria com CTA/Marabá, existe uma grande incidência de AIDS não só em Marabá, como também e Parauapebas e Itupiranga. (Entrevista com Bruno Gomes, presidente do grupo Atitude LGBT de Marabá em 09 de Setembro de 2015).

Através das entrevistas em ambos os grupos ficou nítida a ação política que busca dar visibilidade, e ações do poder público para a comunidade LGBT em geral e algumas conquistas foram alcançadas, como o uso do nome social<sup>32</sup> em repartições públicas, projetos de inclusão no

---

<sup>32</sup> Decreto 8.727 de 28 de Abril de 2016, designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida. Antes deste o Pará já em 2015 reconheceu o direito do uso do nome social.



mercado de trabalho, ações de prevenção de doenças com apoio do Centro de Testagem e Aconselhamento de Marabá – CTA.

Essas ações de prevenção são de fundamental importância entre as travestis, pelo grau de risco a que estão expostas. De acordo com dados DATASUS/CTA-MARABÁ em 2013 foram 173 casos notificados de HIV/AIDS, esse número em 2014 subiu para 245 casos, desse total dividido por sexo temos 131 (homens) e 114 (mulheres). Em comparação ao ano anterior houve um aumento de 41,7 % e a população LGBTT representa 14,3% desse total, ou seja, 35 casos confirmados. No geral, o município ocupa 37ª posição no Ranking de incidência da doença no período de 2011 a 2015, mas, para efeito de comparação o município vizinho Parauapebas ocupa a 05ª posição.

Outro questionamento levantado junto às ONG's foi a violência contra a comunidade LGBT, em especial a Travesti. Ambos os grupos tem cobrado junto aos órgãos de segurança pública respostas quanto à violência, discriminação e assassinatos ocorridos em Marabá e Região. Para além da criação de leis que protejam esses grupos, são necessárias ações preventivas de combate à discriminação e violência isso só é possível através da educação.

Ainda de acordo com Bruno Gomes existe um trabalho educativo em relação às Travestis voltado a qualificação para o mercado de trabalho, segundo ele existe um estereótipo em relação às atividades que elas exercem ou estão numa função de salão de beleza ou na prostituição. Existe algo além dessas, elas podem e devem exigir seus direitos, prestar concurso público, vestibular e buscar outros meios de subsistência que não necessariamente seja o da prostituição. Cita como exemplo a Travesti Duda Lacerda, que está cursando Ciências Sociais na UFPA de Belém.

Conforme a pesquisa foi sendo desenvolvida e através das falas de moradores próximos a praça e das próprias Travestis foi possível identificar a localização de outros pontos de prostituição na cidade bem como suas características próprias; outro ponto interessante é em relação a uma rede de estabelecimentos que interagem direta ou indiretamente com a prostituição em nível local.

Outra situação que chamou a atenção é em relação à articulação que alguns grupos possuem com outros de cidades próximas como Parauapebas e Belém “quando o movimento está fraco em Marabá vamos para Parauapebas e vice e versa, já foi a Belém e em São Paulo para me montar” (Entrevista 02, Travesti que atua em Marabá e Parauapebas-PA).



## 2.4) Espaços das prostituição em Marabá

Nos relatos das ONG's bem como os das Travestis, devido ao aumento da violência, algumas destas estão deixando de exercer suas atividades em locais públicos, principalmente as praças e tem ocorrido nos últimos anos uma migração do espaço da rua (material) para o da tela do computador (espaço virtual). Estes espaços passam a ser local de mediação da prostituição como blogs, micro blog: *twitter*, *Tumblr*, redes sociais *facebook*, sala de bate papo (UOL), aplicativos especializados: *Scruff*, *Badoo*, *Tinder*, *Hornet*, *Grindr* e *WhatsApp*.

Através de pesquisas na internet e indicação<sup>33</sup> foi possível chegar a um site regional/local que permite busca por acompanhante<sup>34</sup>. Nas publicações está implícito a tendência à prostituição, os anúncios abrangem Marabá, Parauapebas, Belém, Ananindeua dentre outras (VIVALLOCAL, 2016). Para acessar o site primeiro é preciso ler e aceitar os termos de uso. Os principais são: ser maior de 18 anos, entendendo que haverá conteúdo explícito na página destinado a adultos, e que o conteúdo não irá causar problemas ou incômodos à pessoa. Clicando em "Concordo", a pessoa concorda que os provedores de Internet, proprietários e fundadores do Vivalocal não se encarregam da responsabilidade sobre este conteúdo e o uso na categoria de adultos.

O anúncio apresenta uma descrição breve da pessoa, como: idade, cor da pele, dos olhos, altura, bem como os "serviços" oferecidos que em geral é cobrado por hora. A maioria dos perfis disponibiliza fotos ousadas demonstrando atributos físicos, o site possui algumas restrições, entre elas, não postar fotos de rosto, e nem ser menor de idade, todavia, o site não pede documentos pessoais para checar essa informação.

Outra importante contribuição se deu através de entrevista com Duda Lacerda<sup>35</sup>, que em conjunto com as demais falas fica implícito que existe uma rede descontínua de prostituição que se conecta principalmente através de relações interpessoais (amizades). Essa rede confere uma mobilidade e fluidez desses territórios, esse fenômeno de conexão entre municípios envolve uma teia complexa de redes de pessoalidade (ORNAT; SILVA, 2013). Ainda de acordo com Ribeiro (2009), essas redes se estabelecem através de relações e de trocas vinculadas a afinidades.

Cada cidade desempenha um papel dentro do circuito de acordo com os interesses e serviços que as travestis buscam: Marabá-Parauapebas; Marabá-Belém; Marabá-São Paulo, essa mobilidade só é possível pela teia de relações estabelecida entre diferentes grupos bem como o reconhecimento

---

<sup>33</sup> Usuário de site VivaLocal (especializado em busca de acompanhante), ele preferiu não se identificar.

<sup>34</sup> Prostituição Masculina, Feminina e Trans.

<sup>35</sup> Travesti militante da Causa LGBT em Belém, estudante de Ciências Sociais pela UFPA.

das regras de comportamento e de conduta, cada cidade dentro do circuito ocupa uma hierarquia de interesses como podemos observar na tabela abaixo.

**Tabela 02** - Mobilidade x Interesse

<b>Cidade</b>	<b>Motivo do deslocamento</b>
Marabá-Parauapebas-Marabá	Oferecer “Novidade” aos clientes
Marabá-Belém-Marabá	Oferecer “Novidade” aos clientes, intervenções estéticas simples e migração para Europa (Espanha ou Portugal).
Marabá-São Paulo-Marabá	Oferecer “Novidade” aos clientes, intervenções estéticas elaboradas como implantes de próteses mamárias e nádegas, tratamento hormonal.

Fonte: Lacerda, D. Nikole, K. (2015)  
Org. Silva, R. C. 2016.

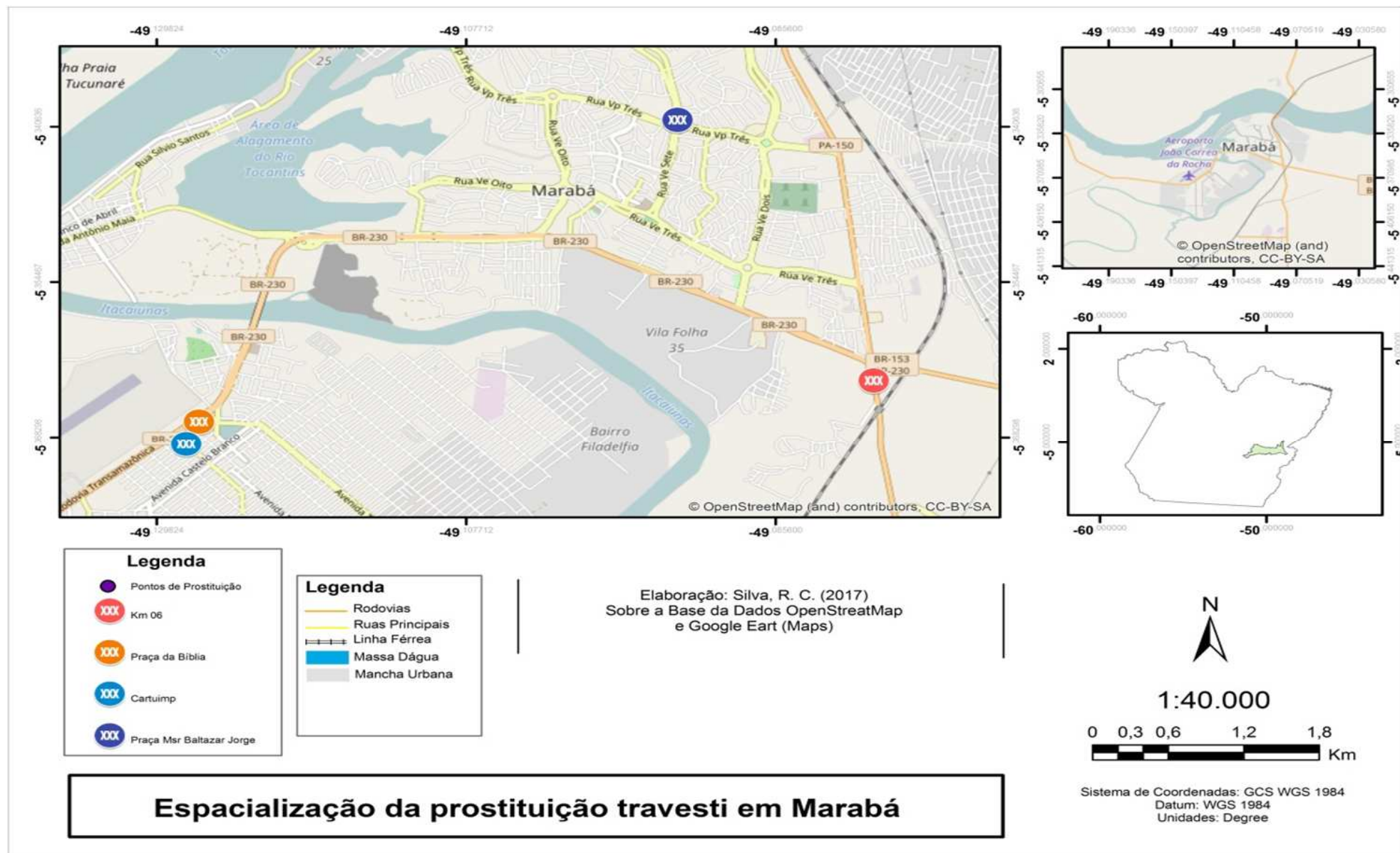
Como podemos observar no mapa 02 e no quadro 03 existem 04 pontos de prostituição travesti em Marabá (PA). Esses espaços foram territorializados por diferentes grupos em diferentes tempos e espacialidades, o que há em comum entre eles é a questão de gênero (Travesti). Cada ponto possui configuração própria quanto à organização e ocupação, principalmente pela localização o que confere dinâmicas diferenciadas das relações de poder e de auto segregação.

**Quadro 03** – Espacialidades da prostituição Travesti em Marabá (PA)

<b>Ponto</b>	<b>Localização</b>	<b>Características</b>
Praça Monsenhor Baltazar Jorge	Nova Marabá Fl 16-17; 20-21	Neste local ocorre predomínio da Prostituição Travesti, onde o Espaço <i>Grill</i> (atual <i>New Girus Club</i> ), é um importante atrator para existência e manutenção deste ponto bem como a localização privilegiada da praça próxima a importantes equipamentos urbanos, e casas noturnas, bares, pizzaria e restaurantes que geram uma mobilidade constante, o que proporciona maior visibilidade e possibilidade de captação de clientes.
	Nova Marabá	Diferente dos demais pontos, neste local há a presença de Prostituição das Travestis, bem como é possível perceber a presença de Mulheres e menores de idade. A manutenção

Km 06	distrito industrial, saída pela BR-155	desse ponto ocorre pela concentração de caminhoneiros e pelo fluxo de pessoas gerado pelo terminal rodoviário Miguel Pernambuco, além do eixo gerado pelas Rod. BR-230 e BR-155. Diferente da Praça Baltazar Jorge esse ponto é pouco visível, voltado principalmente a atender caminhoneiros.
Praça da Bíblia	Cidade Nova Margens da BR-230	Neste ponto ocorre Prostituição Travesti principalmente pela proximidade com a Rodovia Transamazônica BR-230.
Ponto Cartuimp	Cidade Nova	Ponto de prostituição Travesti fica próximo a uma loja “Cartuimp” localizada na av. Nagib Mutram de esquina.

Elaboração: Silva, R. C. 2015/2016 a partir de observações de campo.



Mapa 02 – Espacialização da prostituição Travesti em Marabá (PA)

Fonte: Representação elaborada a partir mapa base OpenStreetMap e Google Earth (Maps) por Silva, R. C. 2017.

Alguns fatores contribuem para que um determinado grupo mantenha unicidade como questões de conveniência e pessoalidade que de acordo com Silva (2002) evidencia o reconhecimento entre pessoas que compartilham um mesmo código de valores e relações sociais que se desenvolvem em espaços de pequenas dimensões. O mapa 02 foi concebido a partir das contribuições de entrevistas e de observação a campo, onde foi possível identificar que cada ponto possui características próprias conforme descrição no quadro 03, essa particularização decorre de alguns fatores: localização, relações de pessoalidade e interações espaciais.

Fazendo uma conexão entre o mapa e o quadro, podemos extrair algumas informações importantes, primeiro quanto à espacialidade destes grupos que ocorrem principalmente em locais públicos da cidade, ou seja, praças, ruas, calçadas o que garante uma maior visibilidade, ou seja, um elemento facilitador no contato e a negociação pelos serviços (favores) sexuais oferecidos diretamente aos clientes sem a necessidade de intermediação de terceiros. Segundo, cada ponto possui um tipo específico de cliente, em geral, motoristas de veículos automotivos, caminhoneiros e transeuntes que circulam por esses locais. Quanto ao perfil desses clientes em sua maioria homens, casados, na faixa dos 30 anos, que procuram uma relação sexual passiva<sup>36</sup>, ou seja, as travestis são o sujeito ativo<sup>37</sup>. Em geral um programa simples<sup>38</sup> custa R\$ 50,00 se houver um terceiro indivíduo ou dependendo das fantasias (*fetiches*) do cliente esse valor será a combinar. Segue uma pequena tabela com os valores cobrados.

**Tabela 03** – Preços praticados pelas Travestis

<b>Tipo de Serviços</b>	<b>Valor</b>
Sexo oral <sup>39</sup>	R\$ 30,00
Transa Simples com camisinha, valor p/ hora	R\$ 50,00
Transa Simples com camisinha, na casa ou apt. da travesti	R\$ 80,00 ~ R\$ 100,00
Transa com mais de uma pessoa	R\$ 120,00 ~ R\$ 150,00
Transa com ejaculação	R\$ 200,00 ~ R\$ 300,00
Transa sem camisinha	R\$ 300,00 ~ R\$ 500,00

Fonte: Tabela montada a partir de entrevistas (Nikole e Duda Lacerda) e site especializado VivaLocal  
Org. Silva, R. C. 2016.

<sup>36</sup> Termo ou gíria que designa parceiro sexual submisso, aquele que é penetrado (ÂNGELO; LIB, 2006).

<sup>37</sup> Termo ou gíria que designa parceiro sexual em posição oposta ao passivo, àquele que penetra (ÂNGELO; LIB, 2006).

<sup>38</sup> Considera-se programa simples pelo tempo do ato sexual geralmente 20 minutos (Entrevista a campo).

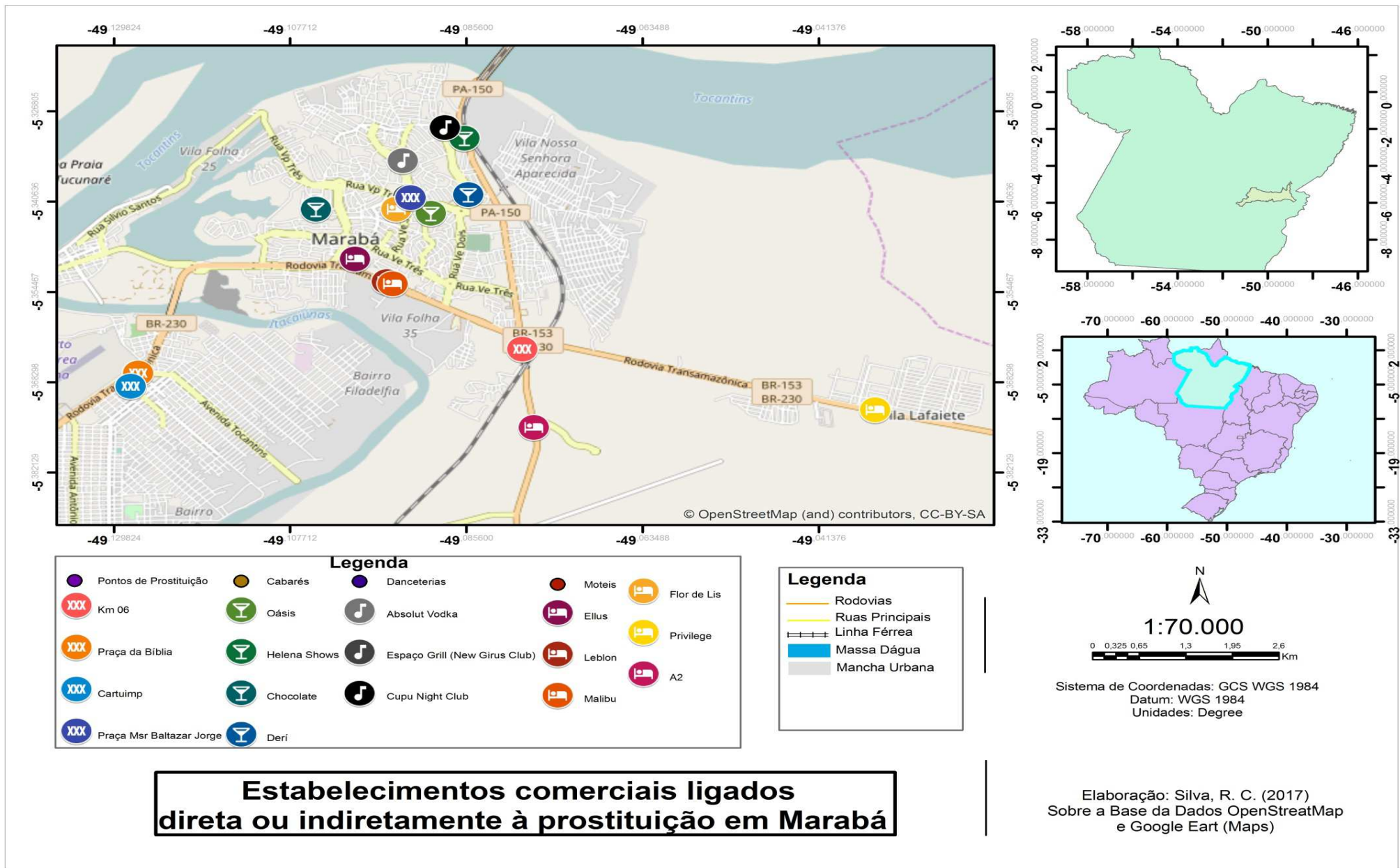
<sup>39</sup> Popularmente conhecido no meio *Trans* por Boquete é a gíria para o sexo oral (recebido pelo homem). Usa-se a expressão como: pagar um boquete ou fazer um boquete (ÂNGELO; LIB, 2006).

Esses valores podem variar de grupo ou de indivíduo, geralmente os membros de determinado grupo seguem os valores estabelecidos em comum acordo. Em média uma travesti fatura por mês R\$ 1.500,00 a R\$ 3.000,00 (informação verbal). Os clientes estão sempre em busca de novidades por isso sempre que possível elas viajam para outras cidades como pontuado na tabela 02 (Mobilidade x Interesse). Outra constatação nas observações a campo foi em relação às interações espaciais que as Travestis possuem com os estabelecimentos comerciais próximos aos pontos que de acordo com sua atividade econômica possui um grau de interação, seja indireta, como motéis, clubes, danceterias e direta no caso dos cabarés e de algumas danceterias, conforme esquematizado no quadro a seguir.

Quadro 04 – Estabelecimentos comerciais ligados direta ou indiretamente à prostituição

<b>Estabelecimento</b>	<b>Localização</b>	<b>Relação</b>	<b>Gênero</b>
Espaço Grill (Danceteria)	Nova Marabá fl 16	Interação direta	Trans
Absolut Vodka (Danceteria)	Nova Marabá fl 17	Interação direta	Trans
Cupu Nigth Club (Danceteria)	Nova Marabá fl 05	Interação indireta	Trans
Leblon (Motel)	Nova Marabá BR-230	Interação direta/indireta	Trans/Fem
Malibu (Motel)	Nova Marabá BR-230	Interação direta/indireta	Trans/Fem
Privilege Confort (Motel)	Cidade Jardim BR-230	Interação direta/indireta	Trans/Fem
A2 (Motel)	Distrito Industrial BR-155	Interação direta/indireta	Trans/Fem
Flor de Lis (Motel)	Nova Marabá Fl 21	Interação direta/indireta	Trans/Fem
Ellus (Motel)	Nova Marabá Fl 31	Interação direta/indireta	Trans/Fem
Chocolate (Cabaré)	Nova Marabá Fl 23	Interação direta	Fem
Bar do Deri (Cabaré)	Nova Marabá Fl 17	Interação direta	Trans/Fem
Oasis (Cabaré)	Nova Marabá Fl 20/21	Interação direta	Fem
Hellena Shows (Cabaré)	Nova Marabá Fl 09	Interação direta	Fem

Elaboração: Silva, R. C. 2015/2016 a partir de observações de campo.



**Mapa 03 – Espacialização de Estabelecimentos ligados direta e indiretamente à prostituição.**  
Fonte: Representação elaborada a partir mapa base OpenStreetMap e Google Earth (Maps) por Silva, R. C. 2017.

No mapa 03 estão representados os principais estabelecimentos que interagem em algum grau com a prática da prostituição. No quadro 04 e no mapa 03 os estabelecimentos estão listados de acordo com sua localização e pela sua atividade e de alguma forma acabam por interagir com a prostituição de forma direta ou indireta. No caso dos motéis, estão ligados **direta e indiretamente**, uma vez que os clientes das travestis possuem uma livre escolha em relação ao lugar onde será praticado o sexo, e, este pode ocorrer em diversos locais como: carro do cliente, apartamento da travesti, este só para clientes antigos “conhecidos” ou motéis próximos ao ponto. O mapeamento concentra-se no Núcleo nova Marabá, existem inúmeros outros estabelecimentos espalhados pela cidade que podem vir a ser mapeados e verificado se existe algum tipo de interação com a prostituição. Para além dos já citados, outras categorias podem vir a ser incluídas para uma pesquisa futura como os pontos de taxi e moto taxi que atuam na locomoção das travestis e de seus clientes.

No caso dos estabelecimentos denominados cabaré existe uma interação direta com a prostituição, neste caso, não necessariamente ligado à travesti, inclusive dos quatro identificados no Núcleo Nova Marabá apenas um, o do Deri localizado na folha 17, no mapa 03 em destaque com símbolo de uma taça e na cor azul-escuro, trabalha com a prostituição (masculina e trans) o estabelecimento possui seus próprios “trabalhadores(as)” do sexo. Os demais atuam apenas com prostituição feminina.

Como pontuado anteriormente o mapeamento dos pontos de prostituição, casa de shows, cabaré e motéis não contempla toda a cidade de Marabá-PA, limitando-se ao Núcleo Nova Marabá, todavia, algumas nuances em relação a outros Núcleos foram construídas principalmente com a contribuição das entrevistas e pesquisa a campo. Uma pesquisa mais aprofundada pode revelar outros pontos de prostituição, seja masculino, feminino ou Trans, bem como identificar novos estabelecimentos comerciais que atuam de forma direta ou indireta, e ainda podem ser reveladas outras redes de conexão de prostituição a nível local-regional-nacional.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aborda uma questão que desperta curiosidades principalmente pelo enfoque da pesquisa em que se optou por trabalhar com a prostituição Travesti, sujeitos que possuem uma fluidez de gênero e identidade, que transcendem as normas de controle sexual (sexualidade-gênero-identidade) da sociedade em relação ao binômio masculino x feminino, e acabam pagando um alto preço por essa insubordinação, seja pelas exclusões sociais e espaciais ou ainda com suas próprias vidas. Somos o País que mais “consome” esse tipo de serviços e o que mais mata população Trans de acordo com levantamento da ONG Transgender Europe. De 2008 a 2016 o Brasil responde por 46,7% de todos os casos de Homicídios no mundo.

Ainda existe um estigma relacionado à pessoa Trans que relaciona esses sujeitos à prática de prostituição e sexualidade desregrada (SABATINE, 2013), o preconceito existe em todos os níveis da sociedade e até no próprio seio familiar, o que em muitos casos impede uma Trans de conseguir emprego no mercado formal de Trabalho. E isso é negar a cidadania, o que acaba em muitas situações relegando de fato a essas pessoas como uma primeira “opção” a prática da prostituição.

A Prostituição ainda é vista pela maior parte da sociedade como um problema social e moral, uma atividade presente em diversos espaços da cidade sejam públicos ou privados. Como foi constatado, dependendo do contexto e sua localização, acaba sendo tolerada, ou recriminada, apesar dessa mesma sociedade em parte “consumir” esses serviços para satisfação pessoal ou financeira. Ou seja, ao mesmo tempo em que buscam uma fuga da repressão social através da busca pelo prazer e satisfação sexual nos corpos das Travestis no período noturno, durante o dia pregam a discriminação contra as que lhe satisfazem.

A prática da prostituição existe em diferentes lugares e tempos, mas as suas características se adequam (adaptam) de acordo com o contexto e a sua localização geográfica, neste sentido, a prostituição deve ser entendida a partir de suas diferentes práticas, e nem todas são de ordem econômica ou sexual (OLIVAR, 2013). Neste caso, é necessário compreender essas práticas no contexto Amazônico, pois a mesma possui características próprias principalmente em decorrência dos processos econômicos e sociais que foram condicionados à região como um todo, e, mesmo dentro desta, existem dinâmicas internas diferenciadas principalmente da interação com diferentes expressões socioeconômicas a qual esteja submetida. Um exemplo dessa regionalização ocorre no sudeste paraense uma sub-

região com dinâmicas próprias, seja econômica, cultural e social interagindo em diferentes momentos na prostituição, principalmente pelos grandes projetos de exploração minero-metalúrgicos e rede de infraestrutura, muitos dos pontos de prostituição na região concentram-se às margens das rodovias estaduais e federais.

Já outras sub-regiões como o Nordeste Paraense, afeta principalmente a população ribeirinha onde a miséria e falta de infraestrutura acaba por provocar o tráfico de crianças e adolescentes para a prática de prostituição, na maioria dos casos com consentimento da família em troca de combustível e comida (COMINA, 2013).

No Oeste do Estado com a forte presença do capital nacional e toda uma cadeia produtiva ocasiona outra estrutura socioeconômica muito próxima a do Sudeste do Pará, onde as grandes obras como a Usina de Belo Monte acaba por promover um intenso fluxo migratório para a região e uma distribuição de renda desigual que resulta em uma prostituição que visa principalmente a atender operários em canteiros de obras.

Uma realidade constante derivada das relações que envolvem a prostituição e a violência, presente no cotidiano dessas pessoas. No caso das travestis, essa condição se agrava com a chamada transfobia que é o preconceito por identidade de gênero ligado as travestis. Diante dessa violência algumas profissionais do sexo tem deixado a “pista”, o ponto nas ruas e tem migrado para os aplicativos e sites especializados, que tem se tornado um nicho para esse tipo de prática.

Dos novos locais (pontos) de prostituição Travesti em Marabá (PA), foi possível perceber que são grupos distintos, com regras e dinâmicas próprias, que atendem a um tipo de cliente específico, principalmente em decorrência de sua localização. E com isso foi possível perceber que essas profissionais do sexo possuem uma dinâmica espacial única através das interações e relações de personalidade. Neste sentido, os espaços públicos são locais privilegiados para essa atividade, pois, permitem uma maior aproximação entre quem oferece um serviço e quem o adquire, esses espaços tornam-se vitrines de exposição do corpo e espaços de mediação da prostituição. Esses grupos produzem territorialidades distintas, que se projetam através de suas relações de poder em micro escalas, formando territórios únicos, conferindo a certos lugares uma identidade espacial que privilegia a prática da prostituição.

A geografia pode e deve contribuir com a discussão relacionada a gênero, identidade, prostituição, preconceito, uma vez que, por ela conhecemos e reconhecemos o espaço em que vivemos e nos relacionamos e a partir dessas interações, somos capazes de identificar o nosso

lugar e o lugar do outro. O preconceito dentro da ciência geográfica ainda é grande o que demonstra a necessidade de ampliar essa discussão.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>. Acesso em 23 de Outubro de 2016.

ALCÂNTARA, J. M. **Territórios invisíveis: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus**. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp119743.pdf>>. Acesso em 20 de Setembro 2015.

ALMEIDA, J. J. **A cidade de Marabá sob o impacto dos projetos governamentais**. 2008. 273 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-05022009-121639/pt-br.php>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2015.

ÂNGELO, V.; LIB, F. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

BLANCHETTE, T. G.; SILVA, A. P. Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. *In*: Parker and Correa (orgs.), **Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos**. Rio de Janeiro: SPW. p. 192-233, 2009. Disponível em: <<http://www.sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/10/sexualidade-e-economia-thaddeus-blanchette-e-ana-paula-da-silva.pdf>>. Acesso em: 24 de Outubro de 2016.

BORGHI, R. **O espaço à Época do queer: contaminações queer na Geografia francesa**. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero Ponta Grossa* [on-line], v. 6, n. 2, p. 133-146, ago. / dez. 2015. Disponível em: <[http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7303/pdf\\_204](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7303/pdf_204)>. Acesso em: 30 de Outubro de 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **O poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. 2013. **Pesquisa ENAFRON DIAGNÓSTICO SOBRE TRÁFICO DE PESSOAS NAS ÁREAS DE FRONTEIRA**. 2013. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça. 2013. Disponível em: <[http://www.justica.gov.br/sua-protecao/trafico-de-pessoas/publicacoes/anexos-pesquisas/pesquisa\\_enafron\\_202x266mm\\_1710\\_19h00\\_web.pdf/view](http://www.justica.gov.br/sua-protecao/trafico-de-pessoas/publicacoes/anexos-pesquisas/pesquisa_enafron_202x266mm_1710_19h00_web.pdf/view)>. Acesso em 24 de Outubro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2012.

\_\_\_\_\_. **Relatório executivo bacia do Tocantins-Araguaia**. Brasília: Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ), 2013. Disponível em <<<http://www.antaq.gov.br/portal/PNIH/BaciaTocantinsAraguaia.pdf>>>. Acesso em 24 de Outubro de 2016.

CABRAL, R; MONTARROYOS, H, E. **A ecologia desumana dos castanhais**: a experiência do extrativismo na cidade de marabá (estado do Pará, Amazônia, brasil) entre 1900-1950. *Revista Ouricuri*. Vol. 5, n. 2. Jul/ago 2015. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/download/1485/974>. Acesso em 16 de Outubro de 2016.

CARPANEZ, J; BERTOLOTO, R. **As travas sem travas**. São Paulo, Disponível em <<<http://tab.uol.com.br/travestis/#as-travas-sem-travas>>>. Acesso em 19 de Setembro de 2016.

CHAGAS, J. Jovens fazem uso de drogas em praça pública. **Jornal Correio do Tocantins**, versão [on-line]. Publicada em 31 de Março de 2016. Disponível em: <http://www.ctonline.com.br/?inicial&noticia=marab%C3%A1&titulo=TgASAsCNAVdkIZ9E7w%3D%3D>. Acesso em 22 de Agosto de 2016.

CHAGAS, J.; CARVALHO, J. Homem cai morto dentro de loja de conveniência. **Jornal Correio do Tocantins**, versão [on-line]. Publicada em 17 de Novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.ctonline.com.br/?inicial&noticia=pol%C3%ADcia&titulo=fgLKDL8PUFYIut6pQ%3D%3D>>. Acesso em 15 de Setembro de 2016.

CHILDHOOD BRASIL. **Mapeamento dos Pontos Vulneráveis à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Federais Brasileiras mapeamento 2011–2012**. Cidade: Editora, 2012. Disponível em <<[http://www.namocerta.org.br/pdf/Mapeamento2011\\_2012.pdf](http://www.namocerta.org.br/pdf/Mapeamento2011_2012.pdf)>>. Acesso em: 31 de Março de 2015.

CLAVAL, P. **O território na transição da pós-modernidade**. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, ano I, Nº 2, Dezembro de 1999. Disponível em: <<<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/16>>>. Acesso em 16 de Junho de 2016.

Conselho Missionário Nacional (COMINA). **Balsas se tornam lugar de prostituição de adolescente no norte do Brasil**. Encontro internacional sobre o Tráfico de Seres Humanos. 2013.

CONSÓRCIO CONSTRUTOR BELO MONTE – CCBM. **Empreendimento**. Disponível em <<<https://www.consorcibelomonte.com.br>>>. Acesso em 22 de Outubro de 2016.

COSTA, B. P. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas. **Revista Latino americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 207-224, ago./dez. 2010.

COSTA, R. P. da. **Os 11 Sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Editora Gente, 1994.

DATASUS/DST/AIDS. **MS/SVS/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais.** Disponível em: <<<http://svs.aids.gov.br/aids/>>>. Acesso em 30 de Novembro de 2016.

ELETRONORTE. Relatório de administração da Eletronorte. 2005. Disponível em <<<http://www.eletronorte.gov.br/opencms/export/sites/eletronorte/publicacoes/balancoAnual/balanco05.pdf>>>. Acesso em 24 de Outubro de 2016.

FERNANDES, D. BBC Brasil. **Mais de 40 milhões se prostituem no mundo, diz estudo.** 2012. Disponível em <<[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118\\_prostituicao\\_df\\_is.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is.shtml)>> Acessado em 30 de Outubro de 2015.

FERNANDES, M. O. de. **Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: a produção nas teses de pós-graduação em geografia 2001-2011.** 2013. 153f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Área de concentração Produção do espaço e Dinâmica Regional, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

FERREIRA, D. S. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014

GOMES, P. C. C. da. **A condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

\_\_\_\_\_. **Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço.** In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Olhares Geográficos. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

CAVALCANTI, L. S. de. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** Campinas: Papirus, 1998.

CUNHA, M. J. M. da. **Vivências do Corpo na Prostituição Feminina.** 2012. 72f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Integrado em Psicologia da Educação) - Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra, 2012.

HAESBAERT, R. **DOS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS Á MULTITERRITORIALIDADE.** 2004. Disponível em: <<<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>>. Acesso em 30 de Outubro de 2015.

\_\_\_\_\_. Território e multiterritorialidade: **um debate.** Vol. 9, n. 17, 2007. Disponível em: <<<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/213/205>>>. Acesso em 30 de Outubro de 2015.

LAPA, N. **O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho.** In: Carta Capital. 2013. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que-o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>. Acesso em: 19 de março de 2016.

LEAL, M.D. F.P. **Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial**: Relatório nacional, Brasil. Brasília, Brasil: CECRIA, 2009.

LIMA, A. S. **Representações e construção de valores hegemônicos**: olhares sobre as travestilidades no cotidiano social. Dissertação mestrado Programa de Pós - Graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás, 2009. Disponível em <<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/2818/1/>>>. Acesso em 21 de Outubro de 2015.

Mais um passo para implantação da multinacional Cevital em Marabá. Marabá, 22 de Agosto de 2016. Disponível em <<<http://maraba.pa.gov.br/mais-um-passo-para-implantacao-da-multinacional-cevital-em-maraba/>>>. Acesso em 24 de Outubro de 2016.

MACEDO, S. S; ROBBA, F. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MATOS, R. B. de; RIBEIRO, M. A. C. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. Boletim Goiano de Geografia, 15 (1): 57-79, jan. dez. 1995.

MOREIRA A. C. "Protestos usam espaço público como rua global para a política". Entrevista Saskia Sassen. Disponível em <<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/08/saskia-sassen-protestos-usam-espaco-publico-como-rua-global-para-a-politica-4830352.html>>> Acesso em 20 de Dezembro 2016.

NARCISO, C. A. F. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. **Conceito e procedências**. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, ano 9, n.2, p. 265-291, 2009. Disponível em: <<<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a02.pdf>>>. Acesso em 18 de Agosto de 2016.

NETO, C. A. S. Componentes definidores do conceito de território: **a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder**. Geographia (UFF), v. 15, p. 23-52, 2013.

NORTE ENERGIA. UHE BELO MONTE. DOCUMENTOS: Licença Prévia. Fevereiro, 2012. Disponível em <<[http://norteenergiasa.com.br/site/wp-content/uploads/2012/02/LicencaPrevia\\_fev2010.pdf](http://norteenergiasa.com.br/site/wp-content/uploads/2012/02/LicencaPrevia_fev2010.pdf)>>. Último acesso em 30 de Junho de 2016.

OLIVAR, J. M. N. **Devir Puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2013. 354 p. 2013.

OLIVEIRA, F. N. A. **Queer em quadrinhos**: representações brasileiras contemporâneas. São João del-Rei, 2014. 136f . Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, 2014.

OLIVEIRA, M. F. de. **Princesas do ser tão**: o universo trans entre o espelho e as ruas de Feira de Santana. 2010, 268f. Dissertação de Mestrado programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

OLIVEIRA, R. da S. Do espaço fechado ao espaço coletivo: o balé do lugar em meio à territorialidade da prostituição dos travestis na área central de Nova Iguaçu, RJ. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo. (Org.) **Território e prostituição na metrópole carioca**. São João de Meriti: Ecomuseu Fluminense, 2002.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. **Lucro e pobreza: a economia do trabalho forçado** – 2014. Disponível em: <[www.conjur.com.br/dl/relatorio-oit-trabalho-forcado.ppt](http://www.conjur.com.br/dl/relatorio-oit-trabalho-forcado.ppt)>. Acesso em 22 de Outubro 2015.

ORNAT, M. J. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal. In: SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009.

\_\_\_\_\_. **Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista**. Terr@Plural, Ponta Grossa, v. 2 n. 2, jul./dez., 2008. p. 309-322.

ORNAT, M. J. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR**. 2008, 160 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – Paraná, 2008.

PIMENTEL, I.I. 36º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **A Prostituição de Travestis no bairro da Glória e a Lógica de Poder: Lutas, Incertezas e Armadilhas**. 2012.

PIRES M. S.; SILVA R. G. **O movimento de mulheres trabalhadoras rurais: tecendo uma nova perspectiva de gênero para pensar a organização do espaço rural**. II Seminário Latino Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades: Interseccionalidade, gênero e sexualidades na análise espacial. Porto Velho: 08 a 12 de Outubro de 2014.

PNUMA et al. Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Marabá. Belém-PA: PNUMA/UN-HABITAT/IBAM/ISER, 2010.140p. Disponível em: <<<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/geo-maraba-perspectivas-para-o-meio-ambiente-urbano.pdf>>>. Acesso em 30 de Setembro de 2015.

PUIME, E. **Diferenças entre espaço público, privado e acessível ao público**. Jusbrasil, 2014. Disponível em: <<<http://emiliopuime.jusbrasil.com.br/artigos/112339069/diferencas-entre-espaco-publico-privado-e-acessivel-ao-publico>>>. Acesso em 30 de Outubro de 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RIBEIRO, M. A. Prostituição de rua e turismo em Copacabana – a avenida Atlântica e a procura do prazer. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano II, n.3, p. 87-99, jul./dez. 1997.

RIBEIRO, M., Silva, M. C., Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2005). **Prostituição Abrigada em Clubes (Zonas Fronteiriças do Minho e Trás-os-Montes)**: Práticas, Riscos e Saúde. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

SANTOS, A. R. T. **A experiência da hormonioterapia das transexuais em Maceió/AL**. Latitude, v. 7, p. 10-25, 2013. Latitude, Vol. 07, nº 1, p. 129-147, 2013.

SANTOS, C. Território e Territorialidade. Revista zona de impacto. Vol. 13, Setembro/Dezembro, ANO 11, 2009. Disponível em <<[http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE\\_volume13](http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE_volume13)>>. Acesso em 01 de Novembro de 2015.



SANTOS, M. A Natureza do Espaço: **Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SAQUET, M. A. **Territorialidade e identidade**: um patrimônio no desenvolvimento territorial. Caderno Prudentino de Geografia, nº31, vol.1, 2009.

SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I. G. P. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. **Revista Raízes**, Campina Grande, v.23, nºs 01 e 02, p.99-116, jan/dez 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, J. M. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: Silva, J.M. (Org.). **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

SILVA, S. M. V. da. **GEOGRAFIA E GÊNERO / GEOGRAFIA FEMINISTA - O QUE É ISTO?** Boletim Gaúcho de Geografia, 23: 105 - 110, março, 1998. Disponível em <<<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38385/25688>>> Acessado em 29 de Novembro de 2015.

SOUZA, M. L. de. O território. Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I.; Gomes, P.C.; Correa, R.L.. (Org.). **Geografia**: Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, v. , p. 140-164.

SOUZA, M. V. M. de. **O projeto ALPA e a produção do espaço urbano em Marabá: a cidade - mercadoria e as desigualdades socioespaciais**. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SOUZA, C. B. G. **A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia**. Cofins Revista Franco-Brasileira de Geografia. n. 5, 2009. Disponível em: <<<https://confins.revues.org/5633?lang=pt#bibliography>>>. Acesso em 20 de Setembro de 2015.

TEDESCO. Letícia da Luz. **No trecho dos garimpos**: Mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica. Amsterdam, 2015.

TORRES, A. P. R. **O sentido da política em hannah Arendt**. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 235-246, 2007. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/trans/v30n2/a15v30n2.pdf>>>. Acesso em 23 de Dezembro de 2016.

**Travesti sofre atentado e é baleada**. DOL – Diário [On-line]. Versão eletrônica. Disponível em <<<http://m.diarioonline.com.br/noticia-293260-.html>>>. Acesso em 25 de set. 2015

VASCONCELLOS, L. T. **Travestis e Transexuais no Mercado de Trabalho**. X congresso nacional de excelência em gestão. 08 a 09 de Agosto de 2014. Disponível em:

<[http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14\\_0409.pdf](http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0409.pdf)>. Acesso em 16 de Outubro de 2016.

VASCONCELOS, S. O. Tinha Travesti Brincando de 'Pira': Construção Simbólica de Hierarquias e Territorialidades na Prática da Prostituição. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 46 - 58, jan. / jul. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7641/Artigo>>. Acesso em: 30 de Outubro de 2016.

VIVALOCAL anúncios e classificados grátis. **Travestis Marabá e acompanhantes masculinos Marabá**. 2016. Disponível em: <<<http://gay-lesbicas.vivalocal.com/acompanhantes-gays+maraba>>>. Acesso em: 19 de setembro 2016.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE I

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE GEOGRAFIA**

**Projeto de pesquisa:** Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso: a territorialidade da prostituição travesti nos espaços públicos de marabá (o caso da praça monsenhor baltazar Jorge).

**Formando:** Robson Carneiro da Silva

**Orientador(a):** Prof.<sup>a</sup>. Ma. Gleice Kelly Gonçalves da Costa

**Co-orientador:** Co-orientador Prof. Me. Hugo Rogério Hage Serra

**Roteiro das Entrevistas**

APLICÁVEL PARA AS IDENTIDADES TRANS

1 - Identificação do entrevistado (a):

a) Nome Oficial (Batismo): \_\_\_\_\_

b) Nome Profissional (Social): \_\_\_\_\_

c) Qual seu gênero: \_\_\_\_\_

d) Tempo de atuação: \_\_\_\_\_

e) Área de atuação: \_\_\_\_\_

2 – Desde quando exerce essa atividade (prostituição)?

3 – O Porquê da escolha dessa profissão (Prostituição)?

4 – Como surgiu esse ponto, e por qual motivo?

5 – Existe alguma líder no grupo? Quem pode frequentar o ponto?

6 – Quais os dias e horários em que você fica no ponto?

7 – Como é a relação com os frequentadores da praça no geral?

8 – Qual o perfil do cliente em geral, e o que eles procuram?

9 – Existem outros pontos (prostituição) na cidade de Marabá-Pa?

10 – Onde realiza os programas?

11 – Ocorre algum tipo de violência?

12 – Quanto custa o programa, tem diferenciação de preço?

13 – Quais os locais que você costuma frequentar e por quê?

APÊNDICE II

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE GEOGRAFIA**

**Projeto de pesquisa:** Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso: a territorialidade da prostituição travesti nos espaços públicos de marabá (o caso da praça monsenhor baltazar Jorge).

**Formando:** Robson Carneiro da Silva

**Orientador(a):** Prof.<sup>a</sup>. Ma. Gleice Kelly Gonçalves da Costa

**Co-orientador:** Co-orientador Prof. Me. Hugo Rogério Hage Serra

**Roteiro das Entrevistas**

APLICÁVEL PARA MORADORES E FREQUENTADORES DA PRAÇA MSR.  
BALTAZAR JORGE (PRAÇA DA ROTATÓRIA)

1 - Identificação do entrevistado (a):

a) Nome: \_\_\_\_\_

b) Endereço: \_\_\_\_\_

c) Ocupação (Profissão): \_\_\_\_\_

2 - Você utiliza a praça para algum tipo de atividade?

( ) Sim: Qual? \_\_\_\_\_

( ) Não: Por quê? \_\_\_\_\_

3 - Com que frequência você utiliza a praça?

( ) Diariamente ( ) Uma vez por semana ( ) Mensalmente ( ) Não utiliza

4 – Quais os horários você normalmente frequenta a praça?

( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite ( ) Não Frequenta

5 – Em relação ao estado de conservação da praça: Iluminação, Segurança, estrutura

( ) Satisfeito ( ) Insatisfeito

Justifique: \_\_\_\_\_

6 – Já presenciou algum tipo de violência neste espaço (Praça)?

7 – Qual sua opinião em relação a seguinte afirmação: a praça é conhecida como ponto de prostituição e droga:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## ANEXO I



### CÂMARA MUNICIPAL DE MARABÁ

Gabinete do vereador Pedro Corrêa Lima - PTB

**REQUERIMENTO:** N°71/2014

**AUTOR:** Vereador PEDRO CORRÊA LIMA – PTB

**ASSUNTO:** Solicita ao Poder Executivo Municipal a Reforma com implantação de estacionamento na praça da rotatória da Folha 16. Bairro: Nova Marabá

#### **Sra. Presidente, Senhoras e Senhores Vereadores**

Pedro Corrêa Lima, Vereador que este subscreve requer que, após ouvido o Plenário desta Casa de Leis, na forma do Art. 166,V, combinado com o § 3º do Regimento Interno, seja encaminhado ofício ao Sr. Prefeito Municipal de Marabá, João Salame Neto, a Secretaria Municipal de Viação e Obras Públicas – SEVOP a seguinte INDICAÇÃO:

- **Solicita a Reforma com implantação de estacionamento na praça da rotatória da Folha 16. Bairro: Nova Marabá**

#### JUSTIFICATIVA

A praça da rotatória na Folha 16, localizada próximo ao Ginásio poliesportivo Renato Veloso, é um patrimônio cultural do Município de Marabá, a qual é muito visitada por moradores e turistas.

Atualmente observou-se que o local necessita urgentemente de reformas. Tendo em vista que os fragilizados brinquedos do parquinho podem causar algum dano físico àqueles que utilizam estes espaços. E a iluminação deficiente torna-se um fator preponderante para a constância da criminalidade e prostituição.

Além disso, a construção de um estacionamento na mencionada praça é de extrema importância, uma vez que não há estacionamentos suficientes próximos; gerando assim transtornos aos comerciantes e motoristas que acabam não encontrando vagas para estacionar e desistem de frequentar o comércio local. Cabe lembrar que ao redor da praça existem diversos lojistas e comerciários.

Em virtude disso, solicitamos aos nobres legisladores a aprovação desta indicação, bem como as devidas providências por parte da Gestão municipal.

Sala das sessões, 28 de Novembro de 2014.

---

Pedro Corrêa Lima  
Vereador – PTB